



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Felipe Wilson Martins Santana

**Falando sobre racismo na aula de língua portuguesa: o uso da roda  
de conversa para o desenvolvimento de um tema transversal**

São Gonçalo

2024

Felipe Wilson Martins Santana

**Falando sobre racismo na aula de língua portuguesa: o uso da roda de conversa para o desenvolvimento de um tema transversal**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Carolina Scali Abritta

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDESIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S232  
TESE

Santana, Felipe Wilson Martins.

Falando sobre racismo na aula de língua portuguesa:  
o uso da roda de conversa para o ensino/aprendizagem de  
um tema transversal / Felipe Wilson Martins Santana. – 2024.  
114f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Carolina Scali Abritta.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) –  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de  
Formação de Professores.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses.  
2. Racismo – Teses. 3. Prática de ensino – Teses. I. Abritta,  
Carolina Scali. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 6150

CDU 806.90

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Felipe Wilson Martins Santana

**Falando sobre racismo na aula de língua portuguesa: o uso da roda de conversa para o ensino/aprendizagem de um tema transversal**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carolina Scali Abritta (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Victoria Wilson da Costa Coelho  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Thais Fernandes Sampaio  
Universidade Federal de Juiz de Fora

São Gonçalo

2024

## DEDICATÓRIA

À minha eterna aluna, por ser minha maior professora, por me fazer um professor e um ser humano melhor, por me mostrar todos os dias que a melhor escolha a se fazer na vida é viver, e por ser a minha maior motivação enquanto profissional, dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, por me orientar e sustentar nessa jornada, sem Ele eu não teria a menor condição de chegar até aqui.

À minha família. Minha esposa Suellen que suportou todas as minhas crises, ausências e diversas vezes mau humor, a você, meu amor, dedico meus melhores dias, embora compartilhe contigo uns não tão bons também. Minha mãe, Eliza, você é a minha maior inspiração, meu objetivo na vida é ser igual a você quando eu crescer, eu te amo até depois do fim. Meus filhos, Cristian e Laura, tenho absoluta certeza de que eu só cheguei até o fim dessa trajetória por conta de vocês, todas as vezes que pensei em desistir, e foram muitas, eu lembrava que preciso ser uma referência para vocês e tentava mais um pouco. O amor que tenho por vocês é maior do que eu.

À Luiza que deixou de ser aluna e se tornou minha professora. Obrigado pelas palmas, pelos sorrisos e por ser minha maior motivação profissional. Tenho absoluta certeza de que os alunos que chegarem depois de você terão um professor melhor porque você me inspirou a melhorar, amo demais sua vida e sua família, gratidão.

Aos meus amigos, todos são muito especiais para mim, várias palavras de motivação e persistência eu recebi ao longo do processo, mas tenho um sexteto que preciso honrar e agradecer aqui, eles foram e são “meu socorro bem presente na angústia”. Cada um deles foi meu suporte em momentos específicos. Gláucio Bandeira, Raquel Moraes foram o meu apoio acadêmico, sem palavras pra descrever o quanto vocês foram essenciais, por diversas vezes pararam os estudos no doutorado para me ajudar, e isso desde o processo de ingresso até a entrega da dissertação, jamais esquecerei aquela madrugada em que fizemos uma simulação da entrevista. Priscila Duarte, também socorreu-me tanto na escrita quanto no entendimento que o processo é complexo e passageiro. Juninho, meu amigo que se tornou um irmão, em cada crise de ansiedade e vontade de ‘chutar o balde’, era ele que eu procurava e sempre tinha uma palavra de incentivo e motivação, você é muito mais relevante na minha vida do que imagina. Lucas Coutinho, o garoto de 18 anos que ficou de joelhos, na minha frente, orando durante toda a entrevista, nunca vou me esquecer do quanto me senti amado e honrado por sua vida naquele dia. Obrigado por me ouvir, por ser meu intercessor, sua vida é essencial para mim. E, claro, Cristina, minha colega de mestrado que se tornou uma amiga, conselheira, ouvinte.

dúvida, deixou a caminhada mais leve, agradeço a Deus por ter sido com você a caminhada final do curso. A todos vocês, meus amigos, minha gratidão eterna.

Ao meu terapeuta, Vando Freitas, que cuidou de forma humana e competente das minhas emoções, estabilizando minhas crises de ansiedade e de maneira tão sábia, impedia-me de desistir quando essa, pra mim, era a única opção. A relação não é mais de paciente e profissional, contudo te considero um grande amigo, devo a você também essa conquista.

Aos meus alunos, vocês foram incríveis em todo o processo, é por vocês que essa jornada fez sentido, vocês são o meu combustível. Jamais esquecerei da turma com a qual trabalhei.

À minha igreja, Primeira Igreja Batista em Venda das Pedras, gratidão por entender minhas ausências, sem exigências e cobranças, obrigado pelas orações e apoio.

Ao projeto DNA (Deus nas Atitudes), muito obrigado por acompanharem essa minha jornada, jamais esquecerei de que foram vocês que abriram a listagem e descobriram que eu tinha entrado no Mestrado, essa conquista, com certeza é de vocês também.

À minha professora orientadora, Carolina Abritta, pelo profissionalismo e paciência.

Com certeza eu esqueci de alguém mas quero dizer que jamais terei como agradecer a todos que direta ou indiretamente me trouxeram até esse momento.

Amo todos vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Brasil - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

SANTANA, Felipe Wilson Martins. *Falando sobre racismo na aula de língua portuguesa*: o uso da roda de conversa para o ensino/aprendizagem de um tema transversal. 2024. 114f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

No contexto educacional, em especial do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, as rodas de conversa têm um papel importante no desenvolvimento das habilidades de comunicação e pensamento crítico dos alunos. Isto porque estudos demonstram que elas proporcionam um espaço seguro e inclusivo para que os estudantes expressem suas opiniões e debatam ideias, desenvolvendo assim um senso crítico. Nossa intenção neste trabalho é verificar de que modo as rodas de conversa desempenham este papel na sala de aula de Ensino Fundamental II, em especial quanto ao trabalho com temas transversais, no caso, o racismo; além de buscar também demonstrar como auxiliam no desenvolvimento do letramento oral dos alunos. A partir de uma intervenção feita em uma sala de aula com uma turma de 8º ano, promovemos duas rodas de conversa cuja base temática era o racismo, exploramos com os alunos aspectos verbais e multimodais da fala. Essa experiência com um gênero oral específico promoveu a apropriação de conhecimentos sobre a organização da fala e estimulou a exploração e o aprofundamento crítico de um tema transversal.

Palavras-chave: oralidade; roda de conversa; educação antirracista; tema transversal.

## ABSTRACT

SANTANA, Felipe Wilson Martins. *Talking about racism in Portuguese language classes: the use of a conversation circle to develop a cross-cutting theme*. 2024. 114f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

In the educational context, especially in the first cycle of Elementary School, conversation circles play an important role in developing students' communication and critical thinking skills. This is because studies show that they provide a safe and inclusive space for students to express their opinions and debate ideas, thus developing a critical sense. Our intention in this work is to verify how conversation circles play this role in the Elementary II classroom, especially regarding work with transversal themes, in this case, racism; in addition to also seeking to demonstrate how they help in the development of students' oral literacy. Based on an intervention carried out in a classroom with an 8th grade class, we promoted two conversation circles whose thematic basis was racism, exploring verbal and multimodal aspects of speech with the students. This experience with a specific oral genre promoted the appropriation of knowledge about the organization of speech and stimulated the exploration and critical deepening of a transversal theme.

Keywords: orality; conversation circle; anti-racist education; cross-cutting theme.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	15
1.1	<b>Oralidade e ensino</b> .....	15
1.2	<b>Rodas de conversa</b> .....	19
1.2.1	<u>Rodas de conversa e educação antirracista</u> .....	22
1.3	<b>Organização da fala-em-interação</b> .....	27
2	<b>A PESQUISA QUALITATIVA INSPIRADA PELA ETNOGRAFIA NA E DA SALA DE AULA</b> .....	32
3	<b>A INTERVENÇÃO</b> .....	34
3.1	<b>Quem é o professor que pesquisa?</b> .....	34
3.2	<b>A escola, os alunos e a intervenção com rodas de conversa sobre racismo</b> .....	35
3.2.1	<u>1ª Etapa - Roda de conversa sobre racismo a partir de um vídeo motivador (seriado de TV): exposição da estrutura da conversa</u> .....	38
3.2.2	<u>2ª Etapa - É roda de conversa ou entrevista? Análise de um podcast</u> .....	47
3.2.3	<u>3ª Etapa - Discurso de ódio e racismo: qual é a relação?</u> .....	52
3.2.4	<u>4ª Etapa - Roda de conversa com o tema: discurso de ódio e racismo nas redes. Devemos regulamentar as redes sociais?</u> .....	58
3.3	<b>Síntese da intervenção</b> .....	63
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	67
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70
	<b>APÊNDICE – Módulo didático</b> .....	73
	<b>ANEXO A - Textos usados durante a intervenção</b> .....	90
	<b>ANEXO B - Letra da música “A Carne” de Elza Soares utilizada durante a intervenção</b> .....	114

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o desenvolvimento das habilidades orais dos estudantes a partir de rodas de conversa sobre racismo, dentro do contexto de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental. Por meio de atividades planejadas, os alunos foram expostos a questões ligadas ao preconceito racial, utilizando materiais audiovisuais para iniciar discussões críticas. A proposta buscou proporcionar um espaço de fala inclusivo e reflexivo, no qual os alunos pudessem dialogar e compartilhar suas experiências, entendendo o papel da linguagem na construção de narrativas e identidades sociais.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal localizada na zona urbana de Rio Bonito, com turmas que vão da Educação Infantil até o 2º segmento do Ensino Fundamental. O perfil socioeconômico dos estudantes é majoritariamente de classe média baixa, e muitos dos pais dos alunos não possuem ensino superior. Segundo dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2019, 19% das mães e 13% dos pais possuem formação superior, e uma parcela dos alunos já trabalha fora de casa, o que reflete a realidade socioeconômica dos estudantes e suas famílias.

A escola atende alunos que, em sua maioria, moram nas proximidades, embora alguns venham de áreas rurais e dependam de transporte escolar, levando mais de uma hora para chegar à escola. A turma com a qual se trabalhou durante a intervenção pertence ao 8º ano do Ensino Fundamental, composta por 20 alunos com idades entre 12 e 15 anos. Em termos de diversidade étnica, a maioria dos alunos se identifica como parda, enquanto há três alunos pretos e um branco. A escola promoveu uma estratégia de correção de fluxo para alunos com distorção idade-série, incluindo-os em turmas específicas para melhor acompanhá-los.

A intervenção focou em atividades voltadas ao desenvolvimento da oralidade dos estudantes, alinhadas com as habilidades previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular da Rede Municipal.

Ocorre que a comunicação é uma habilidade fundamental para o desenvolvimento humano, e a oralidade desempenha um papel central nesse processo, ela pode e deve ser ensinada para que seja cada vez mais aprimorada.

Além disso, sem uma compreensão adequada da indissociação entre conteúdo e forma, o ensino da oralidade na prática pode se tornar desarticulado, prejudicando

a clareza e a responsabilidade pedagógica. Ao descobrir essas dimensões durante o mestrado profissional, o pesquisador percebeu a importância de gerar reflexões que ajudem a integrar esses conhecimentos de forma a promover uma prática pedagógica mais coesa e eficaz. A formação profissional, ao incluir práticas reflexivas e críticas, não só aprimora a atuação docente como também fortalece a segurança e competência no ambiente escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc. (Brasil, 1998, p. 67-68).

Assim, o ensino da língua oral deve ir além da simples capacidade de falar, buscando desenvolver nos alunos habilidades que lhes permitam utilizar a linguagem de forma mais consciente. Isso inclui o aprendizado e o uso adequado dos diferentes gêneros textuais, tanto os relacionados à aprendizagem escolar como aqueles que são utilizados na vida pública de forma mais ampla. Dessa forma, a escola contribui para o desenvolvimento da cidadania e para a formação de indivíduos capazes de se comunicar de maneira adequada em diferentes contextos. O que se propõe é o estudo de, conforme a BNCC:

práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (Brasil, 2018, p. 78-79).

No contexto educacional, as rodas de conversa desempenham um papel crucial no desenvolvimento das habilidades de comunicação e pensamento crítico dos alunos. Estas proporcionam um espaço seguro e inclusivo para que os estudantes

expressem suas opiniões, debatam ideias e adquiram um senso crítico em relação às informações que recebem (Silva, 2012).

Através dessas rodas de conversa, os alunos podem aprender a identificar e combater ações como, por exemplo, de preconceito racial que está em consonância com os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) abordados nos PCNs e na BNCC.

A importância de discutir o tema do preconceito racial, em sala de aula, reside no fato de que vivemos em uma sociedade desigual e preconceituosa:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (Almeida, 2018, p. 22).

Os PCNs, quando tratam dos TCTs, estabelecem alguns critérios para a escolha desses temas, um deles é a urgência social.

Esse critério indica a preocupação de eleger como Temas Transversais questões graves, que se apresentam como obstáculos para a concretização da plenitude da cidadania, afrontando a dignidade das pessoas e deteriorando sua qualidade de vida (Brasil, 1998, p. 25).

Os TCTs, no processo educacional, sugerem a abordagem de vários assuntos

que sejam de interesse dos estudantes e de relevância para seu desenvolvimento como cidadão. O grande objetivo é que o estudante reconheça e aprenda sobre os temas que são relevantes para sua atuação na sociedade (Brasil, 2019, p. 7).

O objetivo geral desta dissertação é verificar de que maneira o trabalho do professor em sala de aula é capaz de, através do emprego de rodas de conversa, contribuir para o desenvolvimento oral das habilidades discentes de comunicação e participação crítica e democrática, no combate, por exemplo, ao racismo.

Conforme proposto por Magalhães *et al.* (2022), a oralidade e o letramento são práticas sociais integradas, não dicotômicas, em que fala e escrita são modalidades de uso da língua. A oralidade é caracterizada como multimodal e tanto as práticas orais quanto as de letramento são permeadas por questões ideológicas e culturais. As autoras criticam o “mito da grande divisão”, que privilegia o letramento escrito sobre a oralidade, e se opõe à visão tradicional que considera a escrita como independente e

cognitivamente superior. Em vez disso, defendem um continuum entre fala e escrita, em que gêneros textuais variam em formalidade e planejamento.

Além disso, ainda conforme as mesmas autoras (Magalhães *et al.*, 2022), há que se promover o ensino explícito de aspectos da fala. Elas argumentam que os elementos linguísticos característicos da oralidade devem ser analisados e ensinados tanto na educação básica quanto nos cursos de formação docente. Esses elementos, tais como inserções para facilitar a compreensão ou manter o interesse, reformulações, hesitações, repetições e marcadores conversacionais, são constitutivos do sentido das interações sociais e precisam ser apropriados conscientemente pelos sujeitos. O conhecimento dessas características da fala contribui para a percepção de que fala e escrita possuem gramáticas, combatendo preconceitos linguísticos e promovendo uma visão inclusiva e global da língua.

Magalhães *et al.* (2022) sistematizam estratégias para a produção e para a compreensão/escuta de textos orais. As estratégias incluem a apresentação de exemplos de textos orais, debates, enriquecimento do vocabulário, análise da dicção e elocução, identificação de oposições fonológicas, reflexão sobre dimensões multimodais e interacionais, dramatização, discussão sobre variedades linguísticas e a análise de aspectos da fala que ajudam a distinguir indivíduos e a compreender a argumentação.

A partir da compreensão do “Decálogo para a inserção da oralidade na formação docente” de Magalhães *et al.* (2022), estabeleceu-se neste trabalho como objetivos específicos explorar a integração entre oralidade e letramento como práticas sociais indissociáveis; promover o ensino explícito dos elementos linguísticos característicos da oralidade por meio de atividades direcionadas ao 8º ano com o qual se decidiu trabalhar; implementar e sistematizar estratégias para a produção e compreensão de textos orais e sua interface com a questão do racismo.

Magalhães *et al.* (2022) defendem a integração da oralidade e do letramento como práticas sociais indissociáveis, rompendo com a visão tradicional que privilegia a escrita sobre a fala. As autoras destacam que a oralidade é multimodal e permeada por dimensões ideológicas e culturais, o que requer uma abordagem didática que valorize o ensino explícito de aspectos como reformulações, hesitações e marcadores conversacionais, elementos essenciais na construção dos sentidos nas interações sociais.

Ocorre que Figueiredo e Queiroz (2012) pretendem que a roda de conversa é

uma metodologia eficaz para promover o letramento crítico, pois cria um espaço democrático de diálogo no qual os participantes podem compartilhar, analisar e questionar ideias coletivamente. Essa prática fomenta o pensamento reflexivo e consciente, essencial para compreender e interagir com o mundo de forma crítica. Para utilizá-la como método de trabalho, é fundamental escolher temas relevantes e contextualizados, conectando o aprendizado escolar à realidade dos participantes. Questões sociais, culturais ou históricas, como desigualdade, preconceito ou temas locais, podem ser discutidas para instigar a análise crítica e o posicionamento reflexivo.

O mediador, prosseguem os autores, desempenha um papel crucial na condução do diálogo, garantindo a participação de todos, equilibrando as falas e promovendo o respeito às opiniões diversas. Ele deve estimular questionamentos que aprofundem o debate e incentivem a troca de perspectivas.

Djamila Ribeiro (2017; 2019) oferece uma contribuição valiosa para a educação antirracista, articulando os conceitos de racismo estrutural, branquitude e lugar de fala. Seu trabalho enfatiza a importância de reconhecer as narrativas marginalizadas e de promover uma educação que questione as estruturas de poder que sustentam o preconceito racial. Ribeiro defende que a valorização das vozes silenciadas, especialmente no contexto da história e da cultura afro-brasileira, é essencial para a construção de uma educação inclusiva e transformadora. Em consonância, Chimamanda Ngozi Adichie (2019) ressalta o “perigo da história única”, ao alertar para a perpetuação de estereótipos quando apenas uma perspectiva domina o discurso social, o que é especialmente relevante no combate ao racismo nas rodas de conversa propostas no presente estudo.

Outros autores, como Marcuschi (2001) e Vygotsky (1998), também fundamentam o debate sobre a relação entre oralidade e letramento no ensino. Marcuschi argumenta que fala e escrita coexistem em um continuum, e Vygotsky destaca a importância das interações sociais para o desenvolvimento cognitivo, o que fortalece a prática pedagógica das rodas de conversa. Freire (1974) e Almeida (2018) contribuem com a noção de educação libertadora e antirracista, propondo que o diálogo e a reflexão crítica sejam centrais para a transformação social, elementos cruciais nas discussões sobre racismo desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

A seguir apresentarei os pressupostos teóricos desse trabalho, quais sejam: em uma primeira seção discutirei a questão da oralidade e do ensino; na segunda

seção, discutirei a questão de uma educação antirracista nas rodas de conversa; tratarei, por fim, da organização da fala e da interação. Em seguida descreverei a intervenção feita na sala de aula, e, por fim, deixarei um caderno de atividades que contribuirá de alguma forma para demais colegas de profissão.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta pesquisa explora a oralidade, a educação antirracista e a prática de rodas de conversa como metodologia educativa. Magalhães *et al.* (2022) destacam a relevância de integrar oralidade e letramento, enfatizando o ensino explícito de elementos da fala, como reformulações e marcadores conversacionais, fundamentais para a construção de sentido nas interações. Djamila Ribeiro (2017; 2019) oferece uma análise crítica do racismo estrutural e da branquitude, apontando a importância de dar voz a grupos historicamente marginalizados para promover uma educação que enfrente desigualdades raciais. Chimamanda Ngozi Adichie (2019) reforça essa perspectiva ao alertar para o perigo de narrativas únicas que perpetuam estereótipos. Marcuschi (2001) e Vygotsky (1998) também contribuem ao destacar o papel central das interações sociais no desenvolvimento cognitivo, o que justifica o uso das rodas de conversa como ferramenta pedagógica. Freire (1974) e Almeida (2018) ressaltam o valor de uma educação libertadora, que, por meio do diálogo, promove transformação social.

### 1.1 Oralidade e ensino

As práticas de oralidade na escola são de extrema importância para o ensino da língua materna. Mas: o que se entende por oralidade? De acordo com Magalhães (2008, p. 147):

oralidade é o termo que se refere às práticas sociais na modalidade falada da língua. Estamos considerando que fala e escrita são modalidades de uso de uma língua, concordando com a proposta de tornar o aluno bimodal.

De acordo com esta mesma autora, ao longo das últimas décadas, diversos estudos e reflexões foram realizados acerca desse tema, levando à adoção de uma concepção de linguagem mais adequada ao ensino.

A linguagem, conforme Silveira (2006), é vista como uma forma de interação, onde o sujeito que fala pratica ações que só seriam possíveis através da fala. Dessa

forma, o trabalho com a oralidade na sala de aula é fundamental para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

Para Magalhães (2008), porém, o trabalho com a língua tem como objetivo não apenas o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, mas também fornecer um registro mais culto da língua materna, além de desenvolver sua capacidade reflexiva sobre questões da linguagem. Para alcançar esses objetivos, é essencial trabalhar tanto a modalidade escrita quanto a oral da língua, sendo fundamental que a escola não desconsidere as manifestações orais e não as trate como inferiores.

Magalhães (2008) defende o que chama de pedagogia da oralidade. Esta se caracterizaria por uma abordagem educacional que valoriza a linguagem oral como meio de comunicação e de construção de conhecimento. Neste sentido, é importante que o ensino de linguagem esteja baseado em textos, sejam eles orais ou escritos, contemplando a prática social e discursiva por meio de atividades que envolvam o uso da linguagem.

Uma das atividades importantes no ensino da oralidade é a escuta, afirma Magalhães (2008). Esta se caracteriza por atividades que dispõem os alunos em situações reais de interlocução, seja ouvindo ou participando ativamente com interferências. Essas atividades permitem a avaliação, a análise da linguagem em função do contexto, a identificação das diferenças em função dos interlocutores envolvidos e o conhecimento da estrutura de participação dos eventos linguísticos. Além disso, a escuta de textos, sejam eles gravados ou de autoria dos alunos, contribui para a compreensão da relação entre a oralidade e a escrita.

Outro aporte teórico em favor da pedagogia do oral é o trabalho de Fávero *et al.* (2005), que discorre sobre as características da fala e da escrita, mostrando aos alunos que existem diferentes usos e registros nas modalidades falada e escrita. Rompe-se, assim, com uma visão escolar tradicional de linguagem monolítica e homogênea, e valoriza-se a adequação dos registros ao uso.

Leal (2022) trata desta questão das relações entre oralidade e ensino, no Ensino Fundamental, a partir de quatro macro categorias, quais sejam: relações entre fala e escrita, variação linguística, reflexões sobre as práticas sociais de uso da oralidade e produção e compreensão de textos orais.

Leal (2022) analisa, em seu trabalho, estudos sobre documentos curriculares, livros didáticos e prática docente, destacando a necessidade de aprofundamento da

discussão sobre o ensino da oralidade nas redes públicas de ensino. Para a autora, as análises mostram que as coleções de livros didáticos contemplam algumas dimensões do ensino da oralidade, mas as abordagens são pouco recorrentes.

Magalhães *et al.* (2022) detalham um decálogo acerca da oralidade e do ensino na formação docente.

O primeiro dos pontos, conforme as autoras, é o das Concepções de Oralidade e Letramento. A oralidade e o letramento são práticas sociais integradas, em que a fala e a escrita são modalidades de uso da língua que coexistem num continuum. Ambas são essenciais nas interações sociais, rompendo a ideia de supremacia da escrita.

Conforme as autoras (Magalhães *et al.*, 2022, p. 392):

Oralidade e letramento são concebidos como práticas sociais, e fala e escrita são concebidos como modalidades de uso da língua (MARCUSCHI, 2001). Isso caracteriza a oralidade como multimodal (DIONÍSIO, 2005). Essas práticas e modalidades não são dicotômicas, mas integradas, e materializam situações de uso social da língua em que é possível analisá-las como imbricadas e constitutivas dos gêneros orais. Dessa forma, percebemos as questões ideológicas (VOLÓCHINOV, 2018) e culturais (STREET, 2014) que atravessam as práticas sociais de oralidade e de letramentos, bem como os modos como elas são tratadas na sociedade e nos documentos oficiais.

A seguir, afirmam Magalhães *et al.* (2022), deve-se considerar que os gêneros orais são multimodais, envolvendo elementos cinésicos e acústicos, e não competem com a escrita. Ambos mobilizam múltiplas semioses na construção textual. Analisar como diferentes sistemas semióticos impactam na construção dos sentidos dos textos é crucial, exemplificado em contextos como debates políticos, onde a postura e a apresentação impactam na recepção e compreensão.

Além disso, dizem Magalhães *et al.* (2022), deve-se considerar o ensino explícito de aspectos típicos da fala. Este se caracteriza por elementos linguísticos típicos da oralidade, como inserções, reformulações, hesitações e marcadores conversacionais, e devem ser analisados e compreendidos em situações discursivas. Ainda que o processo não seja tão linear na prática, destaca-se que esses aspectos contribuem para a coerência e a coesão dos textos falados e enriquecem a produção escrita, promovendo uma visão inclusiva e eliminando preconceitos linguísticos.

A articulação de conhecimentos disciplinares, pedagógicos e profissionais, diz respeito ao fato de que a formação de professores precisa equilibrar conhecimentos teóricos, pedagógicos e profissionais.

Magalhães *et al.* (2022) afirmam ser importante refletir sobre práticas de professores experientes ao longo do curso de licenciatura. A centralidade dos gêneros textuais do trabalho docente na formação potencializa o desenvolvimento de capacidades profissionais. Pesquisas mostram avanços na abordagem de aspectos não verbais da oralidade e uma atenuação da dicotomia oralidade/letramento.

A formação deve ocorrer articulada ao espaço escolar, onde a apropriação da linguagem laboral é crucial. A imersão escolar proporciona vivências práticas que podem corroborar a teoria, construindo segurança e competência a partir da prática reflexiva e crítica, essencial para reconhecer e intervir nas demandas da sala de aula (Magalhães *et al.*, 2022).

Magalhães *et al.* (2022) dizem que a produção de gêneros orais deve ser atividade comum nos cursos de formação. Experiências autorais com gêneros orais promovem a apropriação de conhecimentos sobre a fala e seu ensino, impactando positivamente na escola básica. É necessário inserir práticas com gêneros orais de forma sistemática na formação acadêmico-profissional.

Além disso, as autoras afirmam que assim como na leitura e escrita, é preciso sistematizar a produção e escuta de textos orais. Modelos didáticos dos gêneros e sequências didáticas são eficazes para esse propósito, incluindo atividades diagnósticas, formativas e somativas. Estratégias de compreensão e produção, adaptadas ao oral, promovem uma análise detalhada dos textos e discursos.

Há que se considerar, conforme Magalhães *et al.* (2022), os conhecimentos de pesquisa científica são essenciais na formação docente. A educação científica rompe com o desconhecimento dos avanços nas áreas de linguagem e educação, promovendo uma compreensão mais ampla das ciências. A apropriação da pesquisa científica na escola básica, especialmente sobre oralidade, transversaliza a formação, munindo os profissionais com conhecimentos atualizados.

Quanto às propostas de formação, estas devem incluir capacidades docentes para o trabalho com a oralidade, englobando contextos de ensino, questões curriculares, planejamento e avaliação das produções orais. A integração do eixo da oralidade com leitura, escrita e análise linguística nos currículos de licenciatura promove um ensino mais equilibrado e inclusivo, essencial para a formação completa dos futuros docentes (Magalhães *et al.* 2022).

A falta de consideração para a articulação entre conhecimentos disciplinares, pedagógicos e profissionais na formação inicial de professores é uma lacuna

significativa que o presente pesquisador percebeu em sua formação. Além disso, a falta de práticas sistemáticas com gêneros orais e a ausência de uma abordagem que articule oralidade com leitura e escrita foram aspectos críticos não abordados na formação inicial. A inclusão desses elementos durante o mestrado permitiu ao pesquisador entender a importância de vivências práticas e da apropriação dos conhecimentos sobre a fala e seu ensino.

## 1.2 Rodas de conversa

As rodas de conversa são um importante instrumento para os educadores no que tange ao processo de ensino/aprendizagem da oralidade em sala de aula.

Figueiredo e Queiroz (2012) enfatizam a importância das rodas de conversa como espaços dialógicos em que os participantes têm a oportunidade de discutir uma temática específica, compartilhar suas experiências e compreender as perspectivas uns dos outros. Eles destacam que, nesse processo, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo que contraditórias, instigando umas às outras a falar e promovendo um exercício de pensamento compartilhado dos acontecimentos.

Afonso e Abade (2008) situam as rodas de conversa no contexto das metodologias participativas, ressaltando seu embasamento teórico na psicologia social e psicanálise, bem como seu objetivo de constituir um espaço onde os participantes possam refletir sobre seus cotidianos, relações e projetos de vida. Eles destacam a importância de criar um ambiente propício para a expressão dos participantes, superando medos e entraves, e sugerem o uso de técnicas de dinamização de grupo para facilitar a comunicação e interação. No entanto, ressaltam que, apesar de os coordenadores poderem selecionar técnicas, é o grupo quem direciona a dinâmica da roda de conversa conforme seus objetivos e necessidades.

Vale ressaltar que todos estes autores convergem ao enfatizar o caráter participativo e dialógico das rodas de conversa, onde os participantes têm espaço para expressar suas opiniões, compartilhar experiências e construir significados coletivamente.

As rodas de conversa, dizem Figueiredo e Queiroz (2012), emergem como uma prática eficaz para promover a participação ativa e a construção coletiva do

conhecimento em diversos contextos, desde a pesquisa acadêmica até a intervenção social e educacional. Elas oferecem um espaço inclusivo e democrático onde vozes diversas podem ser ouvidas e respeitadas, contribuindo para a criação de um ambiente mais colaborativo e empoderador.

Um dos principais aspectos das rodas de conversa é sua capacidade de promover a reflexão crítica e a conscientização sobre questões relevantes para os participantes. Ao discutir temas pertinentes ao seu cotidiano, os participantes são incentivados a analisar suas próprias experiências, perceber padrões e desafios comuns e buscar soluções coletivas para problemas compartilhados. Esse processo de reflexão e diálogo pode levar a uma maior conscientização sobre questões sociais, políticas e pessoais, bem como a uma maior capacidade de ação e transformação (Figueiredo; Queiroz, 2012).

Silva (2012) informa que as rodas de conversa também promovem a construção de relações interpessoais mais fortes e solidárias. Ao criar um ambiente de confiança e respeito mútuo, onde todos têm voz e são ouvidos, essas práticas contribuem para o fortalecimento dos laços comunitários e para o desenvolvimento de habilidades sociais, como empatia, escuta ativa e colaboração.

A mesma autora, Silva (2012), percebe, nos Círculos de Cultura, promovidos por Paulo Freire, uma espécie de antecessores das rodas de conversa.

Para a autora, essa prática pedagógica, criada durante o período em que Freire trabalhava como educador popular no Brasil, reflete sua abordagem dialógica e participativa da educação. O Círculo de Cultura não apenas envolve os participantes em discussões e reflexões coletivas, mas também promove a conscientização e a ação transformadora.

O principal objetivo do Círculo de Cultura, afirma Silva (2012), é o de criar um espaço onde as pessoas possam se reunir para discutir questões relevantes para suas vidas e comunidades. Essas discussões são facilitadas por um mediador, geralmente um educador ou líder comunitário, que estimula a participação ativa de todos os membros do grupo. Ao contrário de um modelo tradicional de ensino, onde o conhecimento é transmitido de forma unidirecional, no Círculo de Cultura, o diálogo é valorizado como uma ferramenta fundamental para a construção do conhecimento.

Assim como nas rodas de conversa contemporâneas, no Círculo de Cultura, as pessoas são encorajadas a compartilhar suas experiências, perspectivas e ideias de forma aberta e respeitosa. Não há uma hierarquia rígida entre os participantes; todos

têm a oportunidade de se expressar e contribuir para a discussão. Esse ambiente democrático e inclusivo promove a aprendizagem colaborativa e o empoderamento dos indivíduos, incentivando-os a se tornarem agentes ativos de mudança em suas comunidades (Silva, 2012).

Assim, afirma Freire:

De acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pareceu-nos fundamental fazermos algumas superações, na experiência que iniciávamos. Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atribuído de ativa), contra-dizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado (Freire, 1974, p. 103).

O Círculo de Cultura, prossegue Silva (2012), está profundamente enraizado na realidade concreta dos participantes. As discussões e reflexões giram em torno de questões e desafios enfrentados pelas pessoas em seu cotidiano, seja no campo da educação, saúde, trabalho ou política. Esse foco na prática e na relevância social do conhecimento torna o aprendizado mais significativo e motivador para os participantes, pois estão lidando com questões que têm impacto direto em suas vidas.

Outro aspecto destacado pela autora (Silva, 2012) é o do Círculo de Cultura e sua ênfase na conscientização e na ação. Freire acreditava que a educação deveria ir além da mera transmissão de informações; ela deveria capacitar as pessoas a compreender criticamente o mundo ao seu redor e a agir de forma colaborativa para transformá-lo.

Para Moura e Lima (2014), a roda de conversa é uma prática que remonta às conversas informais e familiares, onde pessoas se reúnem em um ambiente propício ao diálogo, compartilhando suas histórias, experiências, alegrias e tristezas. Nesse contexto, as rodas de conversa se destacam como um espaço de abertura da alma e dos corações, onde cada participante tem a oportunidade de expressar-se livremente e ser ouvido pelos demais.

Quando utilizadas como instrumento de pesquisa, afirmam as autoras, as rodas de conversa se configuram como um ambiente propício para o debate e a reflexão coletiva sobre uma determinada temática. Elas promovem a participação ativa dos envolvidos, estimulando a troca de ideias, experiências e conhecimentos. No entanto,

mais do que simplesmente falar, as rodas de conversa enfatizam a importância da escuta ativa e do diálogo, onde todos os participantes são convidados a se expressar e a contribuir para a construção conjunta do conhecimento.

Assim, no âmbito das rodas de conversa, conforme Moura e Lima (2014), o diálogo é visto como um momento singular de partilha, onde cada participante é instigado a compartilhar suas ideias, perspectivas e opiniões, enquanto também se mantém receptivo e atento ao que os outros têm a dizer. A interação entre os participantes é marcada pela construção coletiva de conhecimento, onde as contribuições de cada um são valorizadas e incorporadas ao debate.

Moura e Lima (2014) também afirmam que um dos aspectos mais importantes das rodas de conversa é a ressonância coletiva que elas promovem, possibilitando a reconstrução de conceitos e argumentos através do diálogo e da reflexão conjunta. Ao propiciar um espaço de encontro e interação, as rodas de conversa permitem que os participantes compartilhem suas experiências e saberes, enriquecendo assim o processo de aprendizagem e fortalecendo os laços comunitários.

Na prática da pesquisa narrativa, afirma Warschauer (2001), a roda de conversa emerge como um valioso instrumento de produção de dados. Ao reunir um grupo de pessoas em torno de um tema específico, as rodas de conversa proporcionam insights e reflexões que podem enriquecer o processo de investigação e contribuir para uma compreensão mais profunda do fenômeno em estudo.

O mesmo autor informa que, dessa forma, a roda de conversa transcende seu contexto original de conversas informais e familiares, assumindo um papel relevante tanto na esfera acadêmica quanto nas práticas comunitárias. Ela se configura como um espaço de encontro, troca e aprendizagem, onde o diálogo e a reflexão são cultivados como ferramentas essenciais para o desenvolvimento pessoal e social.

### 1.2.1 Rodas de conversa e educação antirracista

É possível, então, refletir acerca da questão das rodas de conversa como ferramenta para a promoção de uma educação antirracista.

A necessidade de promover uma educação antirracista é amplamente reconhecida no contexto educacional contemporâneo. A abordagem antirracista vai

além do combate explícito ao preconceito racial; ela visa desenvolver habilidades cognitivas e sociais que capacitam os indivíduos a compreender, analisar e resistir às estruturas discriminatórias. Nesse sentido, a educação antirracista busca uma transformação profunda em atitudes, comportamentos e estruturas sociais (Almeida, 2018).

No âmbito do Ensino Fundamental II, as rodas de conversa poderiam desempenhar um papel vital no desenvolvimento das habilidades de comunicação e pensamento crítico dos alunos adolescentes. Ao exercitar a escuta ativa e a expressão de pontos de vista, os estudantes podem, por meio dessas dinâmicas, abordar temas contemporâneos transversais, como o combate ao preconceito racial. A discussão sobre o tema é crucial em um contexto em que expressões racistas persistem na gramática cotidiana das práticas sociais de exclusão do outro, refletindo uma sociedade desigual. A proposta pedagógica deste trabalho visa, por meio de rodas de conversa, estimular a reflexão e o combate ao preconceito racial, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

O *Pequeno manual antirracista* (2019) de Djamila Ribeiro nos traz uma abordagem acessível e impactante sobre o tema do racismo estrutural, oferecendo ferramentas e reflexões cruciais para combater essa forma persistente de discriminação. A autora guia os leitores por uma jornada reflexiva, desconstruindo conceitos arraigados e oferecendo uma compreensão profunda das complexidades do racismo. Djamila explora temas como branquitude, lugar de fala, interseccionalidade e resistência, revelando a interconexão entre diferentes formas de opressão.

O livro retoma o conceito de “lugar de fala”, já discutido anteriormente por Ribeiro (2017), que se refere ao ponto de partida de uma pessoa para pensar e existir no mundo, de acordo com suas experiências em comum:

Quando publiquei *O que é lugar de fala?*, muitos me perguntaram se pessoas brancas também podem se engajar na luta antirracista. Como explico naquele livro, todo mundo tem lugar de fala, pois todos falamos a partir de um lugar social. Portanto, é muito importante discutir a branquitude. Pessoas brancas não costumam pensar sobre o que significa pertencer a esse grupo, pois o debate racial é sempre focado na negritude. A ausência ou a baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas. Para desnaturalizar isso, todos devem questionar a ausência de pessoas negras em posições de gerência, autores negros em antologias, pensadores negros na bibliografia de cursos universitários, protagonistas negros no audiovisual. E, para além disso, é preciso pensar em ações que mudem essa realidade (Ribeiro, 2019, p. 16).

O conceito de lugar de fala aborda a importância do contexto social de onde as pessoas falam e vivenciam suas realidades para falarem de sua experiência. Isso envolve entender de onde partem suas perspectivas e experiências compartilhadas. Essa análise é fundamental para avaliar as disparidades enfrentadas por diferentes grupos sociais e como são influenciados por sua posição na sociedade:

ter consciência da prevalência branca nos espaços de poder permite que as pessoas se responsabilizem e tomem atitudes para combater e transformar o perverso sistema racial que estrutura a sociedade brasileira (Ribeiro, 2019, p. 18).

*O perigo de uma história única*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), já destaca e corrobora as palavras de Ribeiro (2017 e 2019) ao alertar para o modo como as “narrativas únicas” impostas pelas ideologias dominantes podem perpetuar estereótipos e preconceitos. Reconhecer e valorizar a diversidade de histórias e culturas é importante, porque nos permite ter uma visão mais ampla e completa do mundo em que vivemos.

Quando nos limitamos a uma única história, corremos o risco de criar estereótipos e preconceitos sobre outras culturas e pessoas. Ao valorizar a diversidade, podemos aprender com as diferentes perspectivas e experiências, ampliar nossa compreensão e empatia, e construir pontes entre diferentes grupos e comunidades.

A valorização da diversidade é ainda mais fundamental para o reconhecimento das desigualdades sociais que impactam diretamente nas oportunidades acessíveis aos diferentes grupos sociais.

A experiência pessoal da autora influenciou sua percepção sobre o perigo de uma história única ao revelar como a exposição limitada a determinados tipos de narrativas pode moldar a maneira como vemos o mundo e as pessoas ao nosso redor. Adichie (2019) compartilha como, durante sua infância, a maioria das histórias que ela lia apresentava personagens estrangeiros, o que a levou a acreditar que os livros, por natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais ela não podia se identificar. No entanto, ao descobrir os livros africanos, ela percebeu que pessoas como ela também poderiam existir na literatura, o que provocou uma mudança significativa em sua percepção da literatura e das histórias. Essa experiência pessoal a levou a compreender a importância de diversificar as narrativas e a reconhecer o

perigo de uma história única, o que pode levar à simplificação e à perda da riqueza das experiências humanas.

Esse conceito de diversidade, e de não se ater apenas a uma “história única”, pode ser integrado de várias maneiras em discussões sobre preconceito racial nas rodas de conversa, incentivando os alunos a questionar estereótipos, ampliar suas perspectivas e reconhecer a diversidade de experiências dentro de uma comunidade escolar.

Ao reconhecer a importância do lugar de fala, de entender as histórias diversas, e de manter um alinhamento que promova o respeito mútuo, os participantes da roda de conversa podem construir uma compreensão mais profunda e eficaz sobre a luta contra o racismo e a promoção da equidade.

Por fim, gostaríamos de abordar o artigo “Qual é o lugar do professor branco na prática antirracista?”, de Lavini Castro (2023). A autora discute a relevância da educação antirracista para todos, independentemente da etnia, e também aborda o conceito de “lugar de fala” (Ribeiro, 2017) no contexto racial.

À luz dos conceitos apresentados nas leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 – leis que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, defende-se as contribuições destes grupos étnicos para a formação da sociedade brasileira e o fato de que as escolas devem promover a reflexão sobre as desigualdades raciais e a valorização da diversidade étnico-cultural.

Essas leis representam um importante instrumento para a promoção da igualdade racial e o combate ao racismo na educação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Segundo a autora, os professores podem utilizar diferentes estratégias para aplicar essas leis na prática educativa, tais como:

- Inclusão de materiais didáticos que abordem a história e cultura afro-brasileira e indígena de forma precisa e respeitosa.
- Realização de atividades que promovam a reflexão sobre as desigualdades raciais e a valorização da diversidade étnico-cultural.
- Promoção de debates e discussões em sala de aula sobre temas relacionados ao racismo, preconceito e discriminação, incentivando a empatia e o respeito.

- Integração de práticas pedagógicas que valorizem a contribuição das culturas afro-brasileira e indígena para a sociedade brasileira, como a música, a arte, a culinária, entre outros aspectos.

Castro (2023) também argumenta que a responsabilidade de combater o racismo é de toda a sociedade, não apenas dos educadores negros. Ela destaca, ainda, a importância dos Movimentos Negros na construção de um projeto educativo antirracista.

Professores brancos são encorajados a se envolverem na temática racial, reconhecendo seus privilégios e questionando o racismo, pois, na maioria das vezes, “os professores brancos dizem que não tocam no assunto por não ser seu ‘lugar de fala’. Ou seja, por não serem negros, não se sentem à vontade para falar sobre a temática racial” (Castro, 2023, p. 2). A autora destaca que, embora os professores brancos não vivenciem o racismo da mesma forma que as pessoas negras, eles podem (e devem) contribuir para a reflexão e conscientização dos alunos brancos sobre o privilégio racial.

Enfatiza-se que o trabalho dos educadores não deve reforçar estereótipos, e que abordar os privilégios da branquitude pode ser um caminho importante.

A discussão antirracista em sala de aula é fundamental, pois contribui significativamente para a formação de estudantes conscientes, críticos e comprometidos com a promoção da igualdade racial e a luta contra o racismo. Além disso, essa abordagem possibilita a desconstrução de estereótipos, preconceitos e discriminações, o que cria um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso. Ao incorporar a temática antirracista em suas conversas em sala de aula, os professores têm a oportunidade de sensibilizar os alunos sobre a importância do respeito à diversidade étnico-racial e das desigualdades sociais resultantes do racismo. Eles também podem estimular a reflexão crítica sobre as relações raciais na sociedade, promovendo a empatia e o diálogo entre os estudantes, além de valorizar as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação da identidade brasileira, enriquecendo assim o repertório cultural dos alunos. Outro aspecto importante é o desenvolvimento da consciência histórica e da compreensão das lutas e conquistas dos movimentos negros e indígenas na busca por igualdade e justiça social. Essas ações são essenciais para construir um ambiente escolar mais inclusivo e para formar cidadãos conscientes e engajados na promoção da igualdade racial (Castro, 2023).

Diante do exposto, coube-nos pensar sobre como promover e organizar rodas de conversa na sala de aula de Língua Portuguesa sobre a questão da discriminação racial de maneira organizada e ao mesmo tempo engajada. Foi então que nos ocorreu recorrer à Análise da Conversa e seus pressupostos organizadores da fala-em-interação para cumprir tal finalidade. Na seção abaixo, então, apresentamos uma breve síntese desta área e os conceitos fundamentais para o desenvolvimento das rodas de conversa que propusemos na intervenção feita em sala de aula por nós com nossos alunos.

### **1.3 Organização da fala-em-interação**

A conversa é considerada o gênero básico da interação humana, sendo as conversas cotidianas as formas iniciais de linguagem às quais estamos expostos e nunca deixamos de utilizar ao longo da vida (Levinson, 1983).

Por muito tempo, a ciência não deu a devida importância à conversa e ao que ela pode revelar sobre comportamento, diversidade, inclusão e outras demandas sociais. Somente a partir da década de 60, os sociólogos passaram a valorizar a análise da conversa como uma fonte rica de conhecimento social e uma forma de entender a organização da sociedade.

A Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) é uma abordagem que busca compreender a complexa atividade prática de conversar, analisando os métodos utilizados pelas pessoas para criar e manter a interação social por meio da conversação. Através dessa análise, é possível compreender como as pessoas constroem significados e interpretam as ações dos outros durante a conversa. É uma abordagem que se baseia em observações empíricas e na análise detalhada das interações cotidianas, buscando entender como as regras e normas sociais são negociadas e seguidas pelos interlocutores (Watson; Gastaldo, 2015).

Segundo Coulon (1995), a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) é uma abordagem que reconhece a importância da conversa para o estudo desses fenômenos:

A Análise da Conversa Etnometodológica (doravante ACE) constitui-se em uma vertente de pesquisa de tradição anglo-norte-americana, que surgiu na metade do século XX com os estudos iniciais de Harvey Sacks, que conquistaram colaboradores, como Emanuel Schegloff e Gail Jefferson, figuras imponentes para a configuração desse campo. Os fundamentos que sustentam os estudos da ACE advêm de uma área da Sociologia, mais especificamente da Microssociologia, a Etnometodologia fundada por Harold Garfinkel que, por sua vez, concebe a realidade social como uma realização contínua dos atores sociais no seio de suas atividades cotidianas (visão de realidade construída, não dada a priori) (Coulon, 1995, p. 54).

A pesquisa inicial da ACE foi baseada em análise de gravações telefônicas, nas quais Harvey Sacks (1973) notou a existência de padrões na organização social e interação nas conversas. Ele não ignorou os detalhes, descobrindo que não apenas havia padrões organizacionais na fala, mas também padrões nos mínimos detalhes de cada turno de fala, revelando um notável nível de organização social. O objetivo era compreender a lógica na ordem e sequência das frases ditas. Até hoje, esses processos de paradigmas conversacionais são o principal foco empírico da ACE (Watson; Gastaldo, 2015).

Afirmam Silva *et al.* (2009, p. 05) que:

um procedimento imprescindível em pesquisas que se utilizam da AC é a transcrição das conversas gravadas. A transcrição dos dados não é um mero procedimento que transforma texto oral em documento escrito, visto que ela obedece a uma série de convenções que sinalizam os diferentes aspectos que permearam uma determinada conversa (ou trecho de conversa) naquela hora e naquele local. Alguns dos aspectos que frequentemente são marcados nessas transcrições são: pausa (em centésimos de segundos), sobreposição de falas, entonação ascendente ou descendente, falas coladas (quando um participante começa a falar imediatamente após outro ter cessado sua fala), palavras proferidas de forma incompleta, aspiração ou expiração de ar durante a fala, entre outras que se mostrarem relevantes.

Segundo Dittmann (1979 *apud* Marcuschi, 2003), uma conversa é uma interação verbal centrada que ocorre quando dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. A fala-em-interação é uma característica essencial para a constituição de uma conversa, sendo representada pela troca de turnos entre os falantes e pela sequenciação de ações coordenadas. De acordo com Garcez (2008), a fala-em-interação é uma ação social humana que ocorre no espaço e no tempo real.

Sacks *et al.* (1974, p. 14), doravante SSJ, apresentaram como se dá a organização da conversa:

(1) A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.

- (2) Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.
- (3) Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.
- (4) Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições.
- (5) A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.
- (6) O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.
- (7) A extensão da conversa não é previamente especificada.
- (8) O que cada um diz não é previamente especificado.
- (9) A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada. (10) O número de participantes pode variar.

É possível perceber essas regras sendo aplicadas de maneira diferenciada em contextos institucionais, como em sala de aula, em um júri ou debate. Nesses contextos a fala em interação apresenta outras especificidades. Isto é, por exemplo, numa entrevista, os turnos são pré-alocados, sabe-se quem pergunta e quem responde, já na conversa cotidiana não há essa garantia de alocação.

De qualquer forma, para que se proceda à Análise da Conversa é necessário que se tenha em mente alguns conceitos basilares, o que se pretende desenvolver a seguir.

### **O sistema de tomada de turnos**

A análise de conversa etnometodológica, fundamentada nos estudos de Sacks, H., Schegloff, E. e Jefferson, G (1974), oferece um olhar detalhado sobre o sistema de tomada de turnos nas interações verbais cotidianas. A partir de um extenso corpus de dados de conversas espontâneas, SSJ identificaram uma série de padrões que fundamentam a compreensão do funcionamento dos turnos de fala. Esses padrões incluem a alternância entre os falantes, a fluidez na transição entre os turnos e a natureza variável da distribuição dos turnos, entre outros aspectos.

Uma das observações-chave de SSJ é que, em uma conversa, apenas uma pessoa fala por vez, embora a presença de mais de um falante simultâneo seja comum, ainda que breve. Essa alternância entre os falantes é, em geral, facilitada pela passagem fluida de um turno para o outro, sem intervalos de tempo ou sobreposição. Além disso, a ordem dos turnos não é fixa e a extensão da conversa, assim como o tópico discutido, não são previamente especificados. Essa flexibilidade é essencial para a dinâmica natural das interações verbais (Bulla; Schulz, 2018).

Os turnos de fala são construídos por unidades mínimas denominadas Unidades de Construção de Turno (UCT), que podem ser classificadas em diferentes tipos, incluindo lexicais, clausais, sintagmáticas e sentenciais. Essas unidades são reconhecidas pelos participantes da interação e contribuem para a projetabilidade do turno de fala, ou seja, para a capacidade dos falantes preverem a trajetória da conversa. Ao final de cada UCT, os falantes alcançam um ponto possível de finalização do turno, onde ocorre a troca de falantes, em um espaço interacional denominado lugar relevante de transição (Bulla; Schulz, 2018).

### **Sequencialidade**

Dentro do contexto da Análise de Conversa Etnometodológica, a sequencialidade desempenha um papel fundamental. Segundo Schegloff (1995), os participantes de uma conversa monitoram não apenas os turnos de fala, mas também as ações realizadas por meio desses turnos. Isso ocorre porque a ação executada em um turno pode influenciar a forma como o ouvinte irá agir no turno seguinte.

Quando pensamos em grupos de turnos em termos de "ação", estamos nos referindo a cursos de ação, ou seja, sequências de ação que possuem uma trajetória ou formato específico. Essa organização diz respeito às ações em curso no discurso e pode ser observada através da detecção de uma trajetória, ou seja, do início ao fim dessas ações.

A organização de sequências, afirma Schegloff (1995), é responsável por organizar os cursos de ação executados por meio da fala. Por exemplo, um convite pode projetar uma resposta de aceitação ou recusa, uma saudação pode projetar outra saudação e um pedido pode projetar uma aceitação ou recusa. Esses pares adjacentes demonstram claramente a sequencialidade das ações na conversa.

Essa sequencialidade é de extrema importância para a compreensão e análise da interação social. Ela permite que os participantes prevejam as ações que serão realizadas a partir de um turno de fala específico, fornecendo uma base para a continuidade e fluidez da conversa (Schegloff, 1995).

A organização de sequências, conforme Bulla e Schulz (2018), também desempenha um papel na construção do significado compartilhado entre os participantes. Através da análise das ações em curso, os co-participantes podem inferir e interpretar os significados subjacentes aos turnos de fala. Essa interpretação

mútua é fundamental para o estabelecimento de um entendimento comum e para a construção do sentido da interação.

No entanto, é importante ressaltar que a sequencialidade não é rígida e fixa. Ela pode variar dependendo do contexto, dos participantes envolvidos e das normas sociais estabelecidas. A análise da sequencialidade na conversa etnometodológica busca compreender essas variações e identificar os padrões e regularidades presentes nas interações sociais (Bulla; Schulz, 2018).

Utilizando a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), foi possível contemplar 3 dos itens do Decálogo proposto por Magalhães *et al.* (2022): mostrou-se aos educandos as concepções de letramento e oralidade, ensinou-se aspectos típicos da fala e trabalhou-se estratégias para a compreensão e escuta da fala.

## **2 A PESQUISA QUALITATIVA E A INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA NA E DA SALA DE AULA**

A pesquisa qualitativa, segundo Haguette (2013), é uma modalidade de pesquisa que se caracteriza pelo estudo de fenômenos sociais a partir de uma abordagem interpretativa. Nesse tipo de pesquisa, busca-se compreender os significados, os contextos e as relações sociais subjacentes aos fenômenos estudados, privilegiando a profundidade em detrimento da generalização estatística.

Haguette (2013) ressalta que a pesquisa qualitativa se baseia em métodos como, por exemplo, a etnografia e observação participante, entrevistas, análise documental e análise de conteúdo. Essas técnicas permitem aos pesquisadores captar a complexidade e a subjetividade dos fenômenos sociais, possibilitando uma análise mais rica e contextualizada.

A mesma autora destaca que a pesquisa qualitativa valoriza a interação entre pesquisadores e participantes, reconhecendo a influência mútua entre o pesquisador e o objeto de estudo. Dessa forma, a pesquisa qualitativa busca dar voz às experiências e perspectivas dos participantes, contribuindo para uma compreensão mais profunda e sensível dos fenômenos sociais investigados (Haguette, 2013).

A abordagem qualitativa, afirma Gatti (2002), é frequentemente empregada na construção de uma pesquisa em educação que é um processo sistemático de investigação que tem como objetivo compreender e analisar fenômenos educacionais de maneira situada e em uma perspectiva vertical.

A pesquisa em educação envolve a geração e análise de dados. E, no caso desta pesquisa, cabe lembrar, também, que se empregou como forma de gerar tais dados a etnografia e a observação participante.

O antropólogo estadunidense Clifford Geertz (2019) descreve a observação participante como um método de pesquisa em que o antropólogo se envolve ativamente na vida e nas atividades da comunidade que está estudando. Ele participa das experiências diárias, interage com os membros da comunidade e observa os eventos de forma direta, a fim de compreender suas perspectivas e significados.

Já a etnografia, afirma o autor, é uma abordagem mais ampla que envolve a coleta, a análise de dados qualitativos, como observações, entrevistas (esta também

mencionada acima) e registros escritos, para obter uma compreensão profunda das práticas culturais, crenças, valores e estruturas sociais de um grupo.

Amplamente utilizada na pesquisa em educação, a etnografia escolar busca identificar e compreender os problemas enfrentados na área, a fim de propor soluções e intervenções que possam contribuir para a melhoria da qualidade dos processos formais de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a pesquisa em educação tem um caráter aplicado, buscando traduzir o conhecimento acadêmico em ações práticas que possam ter um impacto real na educação (Gatti, 2002).

Gatti (2002) destaca ainda que a pesquisa em educação deve ser pautada em fundamentos éticos, respeitando os direitos e a privacidade dos participantes da pesquisa. Além disso, deve ser realizada de forma crítica e reflexiva, buscando constantemente aprimorar os métodos e a qualidade da pesquisa na área da educação.

A pesquisa em educação, afirma o mesmo autor, é, na maior parte dos casos qualitativa, como é o caso do presente trabalho.

No caso desta pesquisa, foram realizadas rodas de conversa com os educandos de uma escola municipal do Estado do Rio de Janeiro. No capítulo a seguir, procuraremos fornecer mais detalhes sobre este professor-pesquisador, a escola e a turma na qual se promoveu a intervenção com tais rodas de conversa.

### 3 A INTERVENÇÃO

#### 3.1 Quem é o professor que pesquisa?

Em 2008, concluí o curso de Letras, embora já estivesse atuando como professor anteriormente devido à alta demanda e à escassez de docentes na região onde resido. Inicialmente, minha principal motivação era ensinar a gramática normativa e a norma culta, acreditando que o domínio desses conteúdos representava um caminho para a ascensão social dos meus alunos.

No entanto, ao longo da minha trajetória, novas reflexões e desafios emergiram, ampliando minha visão sobre o papel do ensino de língua portuguesa.

Em maio de 2010, ingressei no serviço público estadual, atuando em várias escolas da rede estadual. Essa experiência me permitiu observar de perto as dificuldades enfrentadas na educação pública.

Em 2015, assumi a direção de uma escola estadual em Tanguá, e, nessa função, tive um contato ainda mais profundo com a realidade do sistema educacional, compreendendo que promover uma educação de qualidade exige mais do que recursos, é um verdadeiro ato de altruísmo e comprometimento. A partir desse ponto, comecei a buscar meios para aprimorar minha atuação como educador.

Já em 2016, ao assumir uma nova matrícula na prefeitura de Rio Bonito, lecionando na mesma escola até hoje, tive a oportunidade de trabalhar na coordenação dos anos finais do ensino fundamental, na secretaria municipal de educação. Durante esse período, o desejo de ampliar meu conhecimento pedagógico se intensificou, o que me levou a ingressar no mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS) em 2022.

O programa trouxe uma série de motivações, incluindo a necessidade de rever minhas práticas pedagógicas, a busca por novas metodologias que valorizassem o uso do texto, e o reconhecimento da importância de dar voz aos meus alunos.

O ingresso no PROFLETRAS foi transformador em diversos sentidos. Primeiramente, me fez refletir profundamente sobre minha prática de ensino, percebendo a importância de uma abordagem mais dialógica e inclusiva, onde ouvir e interpretar as experiências dos alunos tornou-se fundamental.

Em segundo lugar, o programa me desafiou a abandonar práticas tradicionais de ensino que, até então, eu acreditava serem eficazes, substituindo-as por estratégias que valorizassem o protagonismo estudantil.

Além disso, o contato com práticas pedagógicas inovadoras e com o estudo aprofundado da língua portuguesa revelou a necessidade de alinhar meu ensino às demandas contemporâneas, visando um aprendizado significativo e transformador.

Por fim, o desejo de ser um agente de mudança na educação, proporcionando aos meus alunos não apenas o conhecimento formal da língua, mas também um espaço para expressarem suas vozes e histórias, foi o que consolidou minha decisão de ingressar no PROFLETRAS.

### **3.2 A escola, os alunos e a intervenção com rodas de conversa sobre racismo**

Estudar oralidade não seria um projeto que eu escolheria para uma pós graduação, porém depois de mergulhar em textos que falam sobre o assunto e perceber a carência do ensino de oralidade em sala de aula, pude perceber a relevância, a necessidade e a urgência de se ter mais professores especializados nesse eixo do ensino de língua. Em agosto de 2022 quando iniciei efetivamente a realização dessa pesquisa e ainda não conseguia entender bem como e o que faria em minha sala de aula, a princípio foram estudos, leituras e muita teoria para entender como funciona a oralidade, especificamente a fala-em-interação.

Em fevereiro de 2023, conheci as minhas turmas e precisava escolher em qual delas eu aplicaria a intervenção. Em maio de 2023, no desfile cívico em comemoração ao aniversário da cidade, um de meus alunos foi vítima de racismo. Na semana seguinte ao ocorrido, conversamos muito em sala sobre o tema, como o aluno se sentia e que esse sentimento é compartilhado com toda a comunidade preta. Conversando com minha professora orientadora se desenhou o tema transversal da minha pesquisa: promover rodas de conversa sobre racismo.

A intervenção ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2023 em uma Escola Municipal inserida na zona urbana do município, que abarca alunos desde a Educação Infantil ao 2º segmento do ensino fundamental nos turnos matutino e vespertino.

De acordo com o Censo Escolar de 2022, a escola conta com 76 professores e 1.196 matrículas de alunos, sendo 506 matrículas nos anos finais do Ensino Fundamental. Cabe destacar que a população do distrito é de classe média baixa e, segundo o questionário do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2019, 19% de mães e 13% dos pais de alunos possuem Ensino Superior, 26% dos alunos trabalham fora de casa e somente 18% dos alunos costumam ler livros que não os didáticos<sup>1</sup>.

A escola conta com uma equipe técnico-pedagógica composta por Diretor Geral, um Diretor Adjunto, um Secretário Escolar, dois Orientadores Pedagógicos e dois Orientadores Educacionais, além dos Supervisores que a Secretaria de Educação designa para analisar e orientar nas demandas da unidade.

Além disso, tem uma sala de recursos multifuncional para atender às necessidades específicas dos educandos com deficiência, e o quadro conta com dois profissionais responsáveis por esta sala e professores auxiliares de Educação Inclusiva. Esse quadro é necessário e importante, visto que a escola tem (de acordo com o Censo de 2022) 39 alunos com deficiência distribuídos em todos os segmentos e turnos oferecidos.

A escola tem por visão ser uma referência na Rede Municipal de Rio Bonito através da qualidade de ensino, boa relação entre escola e comunidade escolar, uma gestão colaborativa e participativa. Seus valores estão pautados na excelência, inovação, respeito, participação, igualdade, valorização pessoal e coletiva, ética, solidariedade, transparência e criatividade, conforme explicitamos no Projeto Político Pedagógico, documento público e obrigatório em todas as Unidades Escolares desde 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seus artigos 12, 13 e 14.

A relação professor-aluno é muito positiva, não tendo situações de violência e de desrespeito nessa relação, contudo na relação dos alunos entre si, ocorrem situações de agressões físicas e/ou verbais, e em alguns casos de forma virtual, o que tem gerado na unidade uma exposição negativa nas mídias e redes sociais.

É importante ressaltar que a Unidade esteve de dezembro de 2022 até janeiro de 2024 em uma reforma estrutural, finalizamos o ano letivo de 2022 de maneira remota, atrasamos em 45 dias o início do ano letivo de 2023, e iniciamos este ano no

---

<sup>1</sup> De acordo com os dados apresentados no site <https://qedu.org.br/>, o questionário do SAEB 2019 foi respondido por 89 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

prédio de outra unidade escolar. Por conta deste atraso, o calendário escolar foi modificado, sendo acrescentados 9 sábados letivos e não houve recesso escolar, para que assim fosse possível completar os dias letivos exigidos pela legislação.

Esta cessão causou diversas dificuldades de logística em relação ao uso da estrutura da escola e dificuldades de relacionamento entre os alunos das duas escolas, problemas de acesso aos materiais tecnológicos, recursos de mídias, quadra de esportes e uso de mecanismos pedagógicos diferenciados para melhorar a prática pedagógica.

A pesquisa deu-se numa turma de 8º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino, que é composta por 20 alunos, 9 meninas e 11 meninos, entre 12 e 15 anos de idade. Quando indagados em relação a sua etnia, os educandos consideraram-se: 1 branco, 3 pretos e 16 pardos. Em sua maioria, os alunos residem próximos à escola, contudo há três alunos que dependem do transporte escolar pois moram na zona rural e levam mais de uma hora para completar o itinerário casa/escola/casa. Apenas três alunos estão em distorção série e idade, pois a unidade criou uma estratégia de correção de fluxo, matriculando todos os alunos em distorção série-idade em duas turmas.

É uma turma falante e bastante agitada, contudo apresenta um relacionamento de respeito e cumplicidade com o professor. Eles, porém, exigem que haja um planejamento diferenciado e atrativo para prender a atenção àquilo que é proposto. Depois das aulas que tive no PROFLETRAS em especial as de Fonologia, Variação e Ensino e a de Gramática, Variação e Ensino, o meu olhar para o ensino de língua ampliou-se, fazendo com que o texto fosse o centro das discussões e a primazia para ensinar/aprender língua. Além de melhorar a minha prática, pude respeitar e valorizar a variação do uso da língua que o meu aluno traz, fazendo com que este aluno se sinta relevante no processo de aprendizagem no qual ele também pode ser aquele que ensina

A intervenção ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2023, e foi realizada em quatro etapas. Cada uma delas foi embasada em habilidades exigidas pela BNCC, e em consonância com o Referencial Curricular da Rede Municipal de Rio Bonito.

### 3.2.1 1ª Etapa - Roda de conversa sobre racismo a partir de um vídeo motivador (seriado de TV)

No primeiro encontro com a turma, apresentei aos educandos o terceiro episódio da primeira temporada da série *Em Casa com os Gil*,<sup>2</sup> cujo título é “Era nova - Descobrimo o mesmo ser em você e eu”.

A partir da apresentação do vídeo, iniciamos uma roda de conversa e trabalhamos as seguintes questões: *pra você o que é preconceito racial? Você já sofreu com isso? Já viu alguém sofrer algo semelhante?*

Partimos da discussão do caso vivenciado pela turma, em maio daquele ano, quando um aluno negro foi vítima de violência religiosa e de discriminação racial no desfile cívico da cidade. O educando foi chamado de “macumbeiro” por portar roupa branca, sendo que estava assim vestido para representar a profissão de médico.

Vale ressaltar que devido à estrutura precária da unidade que estava nos cedendo o espaço, vários imprevistos ocorreram, mesmo eu levando toda a estrutura de mídia, por entender que o acesso aos equipamentos na unidade era complexo, não contava com a falta de interruptores para apagar as luzes. Pedi a alguns alunos que tirassem as lâmpadas dos bocais e outros que me ajudassem a fechar as cortinas para escurecer a sala de aula, se não fosse assim seria impossível assistir ao episódio. Essa demanda usou 50 minutos da minha aula.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.primevideo.com/region/na/detail/amzn1.dv.gti.75a7202f-d422-4798-b3c8-80bd9691b277?gclid=EAlalQobChMlxMPZzP-pgAMVCu6RCh1FJAHcEAAAYASAAEgloGvD\\_BwE&ref\\_=atv\\_nb\\_lcl\\_pt\\_BR&ie=UTF8&mrntrk=slid\\_\\_pgrid\\_137973774653\\_pgeo\\_9100898\\_x\\_\\_adext\\_\\_ptid\\_kwd-1679051988156](https://www.primevideo.com/region/na/detail/amzn1.dv.gti.75a7202f-d422-4798-b3c8-80bd9691b277?gclid=EAlalQobChMlxMPZzP-pgAMVCu6RCh1FJAHcEAAAYASAAEgloGvD_BwE&ref_=atv_nb_lcl_pt_BR&ie=UTF8&mrntrk=slid__pgrid_137973774653_pgeo_9100898_x__adext__ptid_kwd-1679051988156). Acesso em: 25 jul. 2023.

Figura 1 - Imagens do autor - out/2023



Fonte: O autor, 2023.

Depois da reflexão sobre racismo que aparece no episódio, apresentei as regras da conversa de acordo com o proposto em Sacks *et al.* (1974, p. 14). De maneira expositiva, falei sobre as dez regras que os autores abordam, uma a uma, explicando como se dá em uma conversa,

1 A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre. Nesta regra expliquei o que é turno de fala e como ocorre.

2 Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez. Já nesta regra falei da importância de respeitar o indivíduo que possui o turno de fala e a necessidade de somente um falar por vez.

3 Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves. Aqui trouxe a reflexão de que pode acontecer de mais de um falante assumir o turno ao mesmo tempo. Sua exposição não pode durar muito, pois compromete o entendimento da conversa. Vale ressaltar que, nesse momento, os alunos se reconheceram nesse lugar de falar junto com o outro em diversos contextos de conversa.

4 Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições. Mostrei nessa regra que a troca de turno ideal é aquela que ocorre sem intervalos ou sobreposições porém

é muito comum que esses intervalos e sobreposições ocorram, contudo há uma necessidade de se retomar a fala para que não se perca o entendimento do assunto que permeia a conversa.

5 A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.

6 O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.

7 A extensão da conversa não é previamente especificada.

8 O que cada um diz não é previamente especificado.

9 A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada.

10 O número de participantes pode variar.

Das regras de 5 a 10 eu fiz questão de trazer uma reflexão aos alunos de que em uma conversa não existe um padrão e variações podem ocorrer, porque depende dos interlocutores, do assunto tratado na conversa, do desejo ou não de continuá-la, enfim expliquei que embora tenha regras, a conversa é um meio de comunicação em sua essência variável.

Após a exposição das regras da conversa, entreguei impressa e em forma de lista as regras trabalhadas, conforme o modelo abaixo:

Tabela 1 – Lista das regras trabalhadas

QUAIS DESSAS REGRAS FORAM ENCONTRADAS NO EPISÓDIO DA SÉRIE "EM CASA COM O GIL?"	
REGRAS	ENCONTRADA?
A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.	( ) SIM ( ) NÃO
Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.	( ) SIM ( ) NÃO
Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.	( ) SIM ( ) NÃO
Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições.	( ) SIM ( ) NÃO
A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.	( ) SIM ( ) NÃO
O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.	( ) SIM ( ) NÃO
A extensão da conversa não é previamente especificada.	( ) SIM ( ) NÃO
O que cada um diz não é previamente especificado.	( ) SIM ( ) NÃO
A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada.	( ) SIM ( ) NÃO
O número de participantes pode variar.	( ) SIM ( ) NÃO

Fonte: O autor, 2023.

A sugestão era fazermos um checklist em relação ao episódio: quais das regras listadas foram utilizadas pela família de Gilberto Gilno episódio visto?

Assim, não se pode esquecer que, conforme Magalhães *et al.* (2022, p. 394):

Seja na escola básica, seja nos cursos de formação docente, os elementos linguísticos típicos da oralidade devem ser objeto de análise a partir de situações discursivas orais como constitutivos do sentido das interações sociais, o que leva à apropriação, de forma consciente, desses elementos pelos sujeitos, assim como ao uso em suas próprias práticas. É o caso das inserções (KOCH, 2000), seja para facilitar a compreensão da outra pessoa (introduzir explicações ou justificativas; fazer alusão a um conhecimento prévio, apresentar exemplos, introduzir comentários), seja para despertar ou manter o interesse/curiosidade (formular questões retóricas, introduzir comentários jocosos) ou ainda para servir de suporte a argumentação em curso ou expressar a atitude do locutor perante o que foi dito, com atenuações, avaliações, ressalvas.

Vê-se que a atividade proposta atende ao 3º ponto do Decálogo. Ensinar aos alunos sobre os aspectos típicos da fala é crucial para aprofundar a compreensão da complexidade e riqueza dos recursos linguísticos orais. As reformulações, hesitações e repetições, elementos discutidos com os educandos, que ocorrem naturalmente na fala são elementos fundamentais que, embora recebam avaliações diferentes na escrita, desempenham um papel vital na comunicação verbal. Marcadores conversacionais, por exemplo, também discutidos com os alunos, são ferramentas essenciais que facilitam a interação discursiva, contribuindo para a coerência e coesão dos textos falados. Eles ajudam a manter o fluxo da conversa, permitir a alternância de turnos de fala e preencher pausas, criando uma dinâmica interativa e envolvente entre os interlocutores (Magalhães *et al.*, 2022). Estes elementos foram apresentados aos educandos e discutidos com eles.

Além disso, prosseguem os mesmos autores, o conhecimento dessas características da fala tem implicações significativas para a produção escrita dos estudantes.

Isso porque ao ensinar aos alunos sobre esses elementos típicos da fala, eles podem desenvolver uma compreensão mais profunda sobre as diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua. Enquanto na fala esses recursos são utilizados para manter o fluxo da conversa e facilitar a interação entre os interlocutores, na escrita é preciso adaptar essas estratégias para garantir coesão e clareza textual. Ao reconhecer que certas repetições ou hesitações que ocorrem naturalmente na fala podem ser substituídas por recursos linguísticos mais adequados à escrita, os

estudantes são capazes de aprimorar suas produções textuais, tornando-as mais eficazes e consistentes.

Além disso, a reflexão sobre o uso dos marcadores conversacionais e sua função na construção de sentido durante a fala permite que os estudantes pensem sobre estratégias similares que podem ser empregadas na escrita. Marcadores de coesão, como conectores e advérbios, por exemplo, podem ser usados para garantir a continuidade do texto escrito, semelhante à forma como os marcadores conversacionais facilitam o andamento da fala. Essa transição de uma modalidade para outra, ao ser explicitamente ensinada e praticada, contribui para que os alunos compreendam melhor os diferentes registros da língua e desenvolvam competências mais sofisticadas de produção textual, especialmente no que tange à organização de ideias e à fluidez do discurso.

Destaca-se que ao compreender que existem gramáticas distintas para a fala e a escrita, os alunos desenvolvem uma consciência linguística mais ampla e crítica. Essa percepção é fundamental para combater preconceitos linguísticos e promover uma visão mais inclusiva da língua. Reconhecer que a fala possui marcas processuais evidentes e que estas podem refletir nos textos escritos ajuda a formar uma noção global de língua, que valoriza tanto a expressão oral quanto a escrita em suas especificidades e contextos discursivos variados.

Assistimos novamente partes do episódio, nos minutos entre 11:30 a 15:16, a família Gil faz uma roda de conversa e trata de racismo. Testemunham alguns casos vividos por eles. Ali os alunos foram capazes de perceber as regras de *um fala por vez* e *sobreposições*. Já nos minutos de 21:20 a 24:45, a família se reúne novamente para conversar sobre o sobrenome e a perpetuação deste nas gerações futuras da família, nesse momento, a conversa fica mais intensa e os alunos destacaram também as sobreposições, reparos e salientaram o momento em que uma sobreposição foi encerrada com um pedido rude da tomada do turno.

Nesta primeira etapa usei seis tempos de aula.

Figura 2 – Imagens do autor – out/2023



Fonte: O autor, 2023.

### **Habilidades da BNCC trabalhadas:<sup>3</sup>**

#### **Sugestões de habilidades no referencial Curricular da Prefeitura de Rio Bonito:<sup>4</sup>**

##### **Discussão:**

<sup>3</sup> EF69LP14 – “Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.”

EF69LP24 – “Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Nacional de Trânsito, de regulamentações do mercado publicitário etc., como forma de criar familiaridade com textos legais – seu vocabulário, formas de organização, marcas de estilo etc. -, de maneira a facilitar a compreensão de leis, fortalecer a defesa de direitos, fomentar a escrita de textos normativos (se e quando isso for necessário) e possibilitar a compreensão do caráter interpretativo das leis e as várias perspectivas que podem estar em jogo.”

EF67LP23 – “Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em

<sup>4</sup> “Respeitar os turnos da fala, na participação em conversações e em debates ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola.”

“Respeitar os turnos da fala, na participação em conversações e em debates ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola.”

“Utilizar estratégias de construção oral, considerando os objetivos comunicativos, o contexto e a situação e as características dos interlocutores.”

A primeira aula da intervenção, realizada através de uma roda de conversa sobre racismo, foi cuidadosamente planejada e executada, buscando integrar as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O formato de roda de conversa é favorável para promover a oralidade, a reflexão crítica e o respeito ao próximo, competências fundamentais para o desenvolvimento pleno dos alunos.

Um dos aspectos centrais desta aula foi a escolha do gênero “Roda de Conversa” como estratégia didática. Esse formato permitiu uma interação mais dinâmica entre os alunos e o professor, facilitando a expressão de opiniões, experiências e sentimentos. Além disso, a roda de conversa proporcionou um ambiente inclusivo, no qual cada voz foi valorizada e respeitada, contribuindo para o fortalecimento do diálogo e da empatia.

Ao iniciar a aula com a exibição de um vídeo motivador, buscou-se estimular a reflexão dos alunos sobre o tema do racismo. Isso demonstra uma conexão direta com a habilidade da EF69LP14, que incentiva os alunos a formularem perguntas e a decompor temas polêmicos para análise mais minuciosa. A discussão incitada pelo vídeo, quando indaguei aos educandos o que haviam pensado a respeito do mesmo, proporcionou uma oportunidade para os alunos compartilharem suas experiências pessoais e refletirem sobre questões sociais complexas, como o preconceito racial.

Além disso, o professor pesquisador demonstrou um cuidado em estruturar a conversa de forma organizada, apresentando aos alunos as regras da conversa e fazendo um paralelo com conceitos teóricos apresentados por Sacks (1973). Essa abordagem não apenas promoveu a compreensão das características organizacionais da conversa, mas também incentivou os alunos a refletirem criticamente, uma vez que passaram a compreender as partes nas quais se organiza uma conversa, sobre os padrões de interação social presentes na roda de conversa. Esse aspecto da aula está alinhado com a habilidade EF67LP23, que enfatiza a importância de respeitar os turnos de fala e formular perguntas coerentes em situações de interação oral.

Na verdade, tratou-se de estimular a participação e a oralidade dos educandos, em sua maioria receosos. Para Schulz (2007, p. 15-16):

[...] participação é algo cotidiano que fazemos (uma ação) com a ajuda do outro (social), conversando (por meio do uso da linguagem), em cada oportunidade em que temos a palavra (em cada turno de fala) e em cada momento em que lidamos com o que é dito (com olhares e gestos). Participar é falar e ouvir, é ter a palavra e dar a palavra. E, como a palavra tem o poder

de mudar o mundo, a participação por meio do uso da linguagem também muda o mundo (Schulz, 2007, p. 15-16).

De acordo com Bulla e Schulz (2018), participar não se resume apenas a falar, mas também a ouvir ativamente, demonstrando uma atitude de escuta e consideração pelas contribuições dos outros. A ênfase na palavra como agente transformador destaca o potencial da participação por meio da linguagem para influenciar e mudar o mundo.

Esse aspecto ressalta a importância não apenas do desenvolvimento da expressão oral, mas também da capacidade de diálogo, argumentação e negociação para a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva. Nesse contexto, o estímulo à participação e à oralidade dos educandos não apenas promove o desenvolvimento individual, mas também contribui para a formação de cidadãos ativos e críticos, capazes de se engajar de forma construtiva na sociedade em que vivem (Schulz, 2007).

No caso dos meus alunos, pude ver, com a pergunta: “Quem aqui já foi vítima ou conhece alguém que tenha sido vítima de racismo?” diálogos como:

*A1: Eu, Felipe, eu já.*

*Professor: E como você se sentiu nesse lugar?*

*A1: Quando aconteceu eu achava que era brincadeira depois que eu vi que era racismo.*

*Professor: E quando percebeu como se sentiu?*

*A1: Eu fiquei triste.*

*Professor: Lamento muito por isso. Mais alguém, alguma outra situação parecida?*

*A2: Eu nunca, mas conheço amigos que já sofreram de racismo.*

*A3: Nesse país quem nunca sofreu disso? Lembra de Diego no desfile?*

*Professor: Mas todo mundo sofre?*

*A3 Não, professor, só preto mesmo.*

*Professor: Muito bem, temos que refletir sobre isso mesmo.*

Este tipo de diálogo revela o engajamento deles, seus posicionamentos e a relevância que essa pergunta teve para os alunos que já foram vítimas do racismo.

Para Bulla e Schulz (2018, p. 196), deve-se pensar o conceito de participação nos seguintes termos:

Além de contribuir para se pensar a participação dentro e fora de sala de aula, o conceito de participação enquanto uma ação marcada interacionalmente também se relaciona ao conceito de aprendizagem, se pensarmos essa última igualmente como uma ação interacional marcada. Orientada pela perspectiva da ACE, Abeledo (2008) conceitua aprendizagem como uma ação conjunta, como uma realização intersubjetiva, emergente e contingente

das ações dos participantes para dar conta das atividades desenvolvidas na interação.

Por fim, destaco que a atividade proposta ao final da aula, na qual os alunos foram convidados a narrar uma história de racismo vivida ou conhecida por eles, evidenciou a preocupação do professor em promover a reflexão e a expressão pessoal dos alunos.

De acordo com Warschauer (2001), a roda de conversa, como metodologia pedagógica, se destaca por promover a participação cidadã ao criar um espaço democrático e inclusivo onde todos os participantes têm voz ativa. Nesse formato, cada indivíduo é encorajado a compartilhar suas experiências, opiniões e conhecimentos, o que fomenta um ambiente de respeito e compreensão mútua.

A igualdade de turnos de fala e a troca constante de ideias não apenas ajudam a desenvolver habilidades comunicativas e de escuta ativa, mas também promovem o senso de pertencimento e responsabilidade coletiva. Ao discutir temas relevantes e urgentes, como justiça social, direitos humanos e racismo, os participantes são incentivados a refletir sobre suas próprias atitudes e o impacto de suas ações na sociedade, reforçando assim seu papel como cidadãos conscientes e críticos (Warschauer, 2001).

Além disso, a roda de conversa fortalece a participação cidadã ao educar os participantes sobre a importância do diálogo e da colaboração na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Por meio da interação e da troca de perspectivas, os indivíduos aprendem a valorizar a diversidade e a reconhecer a importância da participação ativa na resolução de problemas sociais. Esse processo de aprendizado coletivo e construção conjunta de conhecimento prepara os participantes para atuar de forma mais eficaz e engajada na esfera pública, seja por meio de movimentos comunitários, organizações sociais ou iniciativas de políticas públicas. A prática regular de rodas de conversa nas escolas e comunidades, portanto, não apenas contribui para a formação de cidadãos mais informados e empáticos, mas também promove uma cultura de participação ativa e consciente, essencial para o fortalecimento da democracia e da cidadania (Warschauer, 2001).

Essa atividade, por fim, está alinhada com a habilidade da EF89LP22, que incentiva os alunos a compreender e comparar diferentes perspectivas em uma discussão e a formular propostas relativas a interesses coletivos.

O trabalho de intervenção demonstrou um compromisso em integrar habilidades linguísticas, sociais e éticas, conforme estabelecido pela BNCC. Ao promover uma discussão significativa sobre o racismo, o professor criou um ambiente de aprendizagem no qual os alunos puderam desenvolver não apenas suas habilidades comunicativas, mas também sua consciência crítica e sua empatia em relação aos outros.

### 3.2.2 2ª Etapa - É conversa ou entrevista? Análise de um podcast

No segundo momento, trabalhamos com os 30 minutos iniciais do podcast *Mano a Mano*<sup>5</sup>, realizado no dia 13/07/2023, em que Mano Brown entrevistou Gilberto Gil. Neste programa, foram abordados temas como música, política e ancestralidade. O foco da análise foi a ancestralidade, que foi examinada em duas vertentes. Na primeira, analisamos a estrutura do gênero, apresentando partes do podcast que se assemelhavam mais a uma conversa e outras mais próximas a uma entrevista. Coloquei no quadro características da estrutura de uma entrevista e de uma conversa semelhante à tabela abaixo, vale lembrar de que esse quadro não é comparativo, associativo, apenas contém as características dos gêneros.

Tabela 2 - Quadro comparativo entre conversa e entrevista. out/2023

As características de uma entrevista	As características da conversa
<b>Tem um objetivo definido.</b> Cada entrevista tem um propósito. A entrevista jornalística visa tratar de um tema de relevância para a opinião pública, enquanto a entrevista clínica tem como objetivo diagnosticar um paciente.	A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.
<b>Concentra-se em um tema.</b> A entrevista é preparada com base em um tema ou questão que você deseja discutir com o entrevistado. O tema de uma entrevista de emprego pode ser o desempenho potencial de um candidato a um cargo ou função, enquanto o tema de uma entrevista com uma personalidade do show	Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7z3F8xadAALDzqXPNQ7Dpr?si=8e64b457599940a5>. Acesso em: 25 jul. 2023.

<p>business pode girar em torno de sua carreira ou do seu último trabalho. É responsabilidade do entrevistador manter a entrevista sobre o tema.</p>	
<p><b>Requer uma pesquisa prévia.</b> O entrevistador deve pesquisar o assunto com antecedência para garantir que a entrevista flua, seja dinâmica e cubra todos os aspectos de interesse.</p>	<p>Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.</p>
<p><b>Consiste em perguntas e respostas.</b> O material final de uma entrevista são as perguntas (abertas ou fechadas) e as respostas do entrevistado. A natureza das perguntas e respostas corresponde ao tipo de entrevista que foi preparada, que pode ser estruturada, semiestruturada ou de forma livre.</p>	<p>Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições.</p>
<p><b>O entrevistador faz as perguntas.</b> O papel do entrevistador é orientar a conversa para as áreas de interesse, com base na escolha das perguntas.</p>	<p>A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.</p>
<p><b>O entrevistado é quem responde.</b> O papel do entrevistado é de se submeter ao que o entrevistador planejou. Sua participação tende a ser improvisada, espontânea e, neste sentido, supostamente genuína, o que confere à entrevista maior veracidade ou legitimidade.</p>	<p>O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.</p>
<p><b>Ocorre através de um meio.</b> As entrevistas podem ser realizadas pessoalmente, por telefone ou por meios digitais, tais como videochamada, e-mail, e até mesmo mensagens de voz. A escolha do meio certo garante o sucesso da entrevista.</p>	<p>A extensão da conversa não é previamente especificada.</p>
<p><b>Tem um registro.</b> Para registrar a entrevista, é necessário utilizar algum meio. Isto varia de um caderno de anotações até um dispositivo tecnológico, tal como dispositivos de gravação de voz ou vídeo, ou uma câmera fotográfica.</p>	<p>O que cada um diz não é previamente especificado.</p>
	<p>A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada.</p>
	<p>O número de participantes pode variar.</p>

Fonte: Análise da Conversação. Marchuschi. Disponível em: <https://humanidades.com/br/entrevista/#ixzz8cf37AZVG>. Acesso em: out. 2023.

Em seguida analisamos onde, no podcast, essas características acontecem. Características como apresentação formal do interlocutor convidado, perguntas e respostas; roteiro de assuntos; troca de turnos de forma direcionada para tratar da entrevista e troca de turno com sobreposições e reparos, assuntos aleatórios;

perguntas feitas pelo entrevistado ao entrevistador para definir uma conversa. Os alunos foram capazes de realizar essa diferenciação sem dificuldades. Segue um trecho que contém respostas dadas pelos alunos quando pedi para identificar a diferença de conversa para entrevista:

*Professor: Quero que vocês me falem em que momento temos características da entrevista e em que momento temos características que se assemelham a uma conversa?*

*A1: Professor, ele começa apresentando o cara lá e depois fica falando um da vida do outro, aí o cara que tem que responder fica perguntando de onde o outro é, isso não parece entrevista.*

*A2: O Gilberto chamou a gente de moleques, pode fazer isso em entrevista?*

*Professor: então, me diz você, parece mais o que com o entrevista ou conversa.*

*A2: Tipo, parece mais conversa, mas eu acho mais top assim.*

*Professor: muito bom, só isso ou tem mais momentos na entrevista?*

*A2: Professor, parece muito mais uma conversa, a primeira pergunta foi sobre aquele negócio que ele perguntou dos parentes, aquele negócio de árvore....*

*Professor: Árvore genealógica, quando ele perguntou de ancestralidade?*

*A2: isso ae mesmo.*

Na segunda vertente, discutimos o tema do racismo e do apagamento da ancestralidade negra em nossa matriz cultural. Para esta discussão, iniciei perguntado sobre o que eles sabiam da história do povo negro no Brasil, quais elementos da cultura, culinária e religião do povo negro ainda estão na sociedade e qual a importância dele para nós. Em seguida, perguntei sobre quais desses elementos fazem parte do cotidiano dos alunos.

Para a pergunta sobre a história do povo negro no Brasil, me chamou atenção respostas como: “Só sei que eles foram escravos.” “Vieram da África!”

Para a pergunta sobre elementos da cultura, culinária e religião do povo negro, quatro alunos responderam quase que ao mesmo tempo: “CAPOEIRA”. e mais um aluno falou: “feijoada.” Aqui pude perceber a escassez de informações sobre o povo negro e sua história. A partir daí pedi uma pesquisa sobre a ancestralidade negra e a importância dela na sociedade atual.

A turma já está habituada a realizar pesquisas para diversas disciplinas, integrando o conhecimento adquirido nas aulas de História, Geografia, Língua Portuguesa e outras áreas do currículo. Ao longo dos anos, os alunos desenvolveram habilidades para buscar informações, especialmente para produzir seminários e projetos interdisciplinares. Contudo, até o início da intervenção, nenhum deles havia se envolvido em pesquisas sobre a ancestralidade negra e sua influência na formação

da sociedade brasileira. Essa ausência de um olhar crítico e aprofundado sobre a história da população negra foi destacada como um ponto importante pelo pesquisador antes da realização da pesquisa pelos alunos.

Ao introduzir a proposta de pesquisa sobre a ancestralidade negra, os estudantes demonstraram grande interesse. A possibilidade de explorar suas próprias origens, bem como entender melhor o papel crucial da população negra na construção da identidade nacional, despertou uma nova perspectiva de investigação. O pesquisador ressaltou que esse estudo não apenas contribuiria para o enriquecimento do conhecimento histórico, mas também poderia trazer reflexões pessoais sobre suas próprias histórias e as dinâmicas sociais presentes em sua comunidade.

Na aula seguinte recebi os textos das pesquisas, os alunos puderam trazer mais informações sobre a história e a cultura negra e a influência em nossa sociedade, alunos que outrora se consideravam pardos, nesse momento perceberam, ouvindo a história de seus pais que têm muita influência da ancestralidade negra em suas próprias famílias. “Professor, meu bisavô foi escravo!” “Agora eu entendi o que é ser negro e ser retinto, eu também sou.” Falas que eu ouvi e num tom bem distante de vergonha ou humilhação, percebi até um certo orgulho.

Para esta etapa foram utilizadas seis aulas.

### **Habilidades da BNCC trabalhadas:<sup>6</sup>**

#### **Sugestões de habilidades no referencial Curricular da Prefeitura de Rio Bonito:<sup>7</sup>**

##### **Discussão:**

A segunda etapa da intervenção, centrada na análise de trechos do podcast “Mano a Mano”, teve como objetivo desenvolver habilidades de análise crítica e

---

<sup>6</sup> EF67LP23 – “Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.”

EF89LP22 – “Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar.”

<sup>7</sup> “Utilizar estratégias de construção oral, considerando os objetivos comunicativos, o contexto e a situação e as características dos interlocutores.”

“Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos da fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.”

compreensão dos gêneros discursivos, enquanto explorava questões relacionadas à ancestralidade e ao racismo.

Um dos aspectos fundamentais dessa aula foi a análise da estrutura do gênero do podcast, em que os alunos foram guiados para identificar elementos que caracterizavam uma conversa e outros que se assemelhavam mais a uma entrevista. Como por exemplo a sequência de pergunta e resposta e o roteiro a ser seguido são características da entrevista, mas em determinados momentos o podcast se direcionava para uma conversa informal sem muita preocupação com o roteiro. Essa atividade estimulou a capacidade dos alunos de compreender e comparar diferentes formas de interação verbal, contribuindo para o desenvolvimento da habilidade da EF67LP23, que enfatiza a importância de respeitar os turnos de fala e formular perguntas coerentes em situações de interação oral.

Além disso, a roda de conversa realizada para discussão sobre o tema do racismo e do apagamento da ancestralidade negra demonstrou uma conexão direta com a habilidade da EF89LP22, que incentiva os alunos a compreender e comparar diferentes perspectivas em uma discussão e a formular propostas relativas a interesses coletivos. Ao refletir sobre como essas questões se manifestam tanto na esfera cultural quanto na esfera familiar, os alunos foram desafiados a analisar criticamente as relações de poder e as estruturas sociais subjacentes. Warschauer (2001) informa que, nas rodas de conversa, têm de haver tal estímulo para que se compreendam as relações de poder de forma crítica.

No contexto das habilidades sugeridas pelo referencial curricular da Prefeitura de Rio Bonito, a aula proporcionou oportunidades para os alunos utilizarem estratégias de construção oral e apresentarem argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala. Essas habilidades são essenciais para promover a comunicação e uma participação ativa em discussões sobre temas controversos e polêmicos, como o racismo e a ancestralidade.

Em suma, a segunda etapa da intervenção demonstrou um compromisso em promover o desenvolvimento integral dos alunos, não apenas no domínio das habilidades linguísticas, mas também no fortalecimento da consciência crítica e na capacidade de engajamento cívico e social. Ao abordar temas relevantes e estimular a reflexão e o diálogo, essa aula contribuiu significativamente para o processo de aprendizagem dos alunos.

### 3.2.3 3ª Etapa - Discurso de ódio e racismo: qual é a relação?

Na terceira etapa da intervenção, o objetivo foi caracterizar e identificar o discurso de ódio, relacionando-o com o racismo. A turma foi dividida em cinco grupos, cada um encarregado de analisar textos e/ou vídeos que abordassem o tema do discurso de ódio e sua relação com o racismo.

O primeiro recurso utilizado foi uma notícia intitulada “Guterres alerta para necessidade urgente de barreiras para conter desinformação e discurso de ódio”<sup>8</sup>, apresentando o discurso do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, durante o lançamento de um relatório sobre a integridade da informação nas plataformas digitais. O discurso destacou a ameaça representada pelo rápido desenvolvimento da inteligência artificial, que amplifica a propagação do discurso de ódio e da desinformação online.

O segundo recurso foi um vídeo intitulado “‘Nenhuma criança nasce com ódio. O ódio é ensinado.’ - Mensagem da Assessora Especial da ONU”<sup>9</sup>, apresentado por Alice Wairimu Nderitu, Assessora Especial da ONU para Prevenção do Genocídio. Neste vídeo, foi ressaltado como o discurso de ódio incita a violência e é amplificado pelas novas tecnologias de comunicação, tornando-se uma ameaça global à paz.

A terceira mídia consistiu em um post no Instagram da ONU, intitulado “O discurso de ódio e a desinformação causam danos reais”<sup>10</sup>. Este post enfatizou o papel do discurso de ódio na promoção do racismo, xenofobia e misoginia, e destacou o impacto negativo dessas manifestações na promoção da paz e segurança.

A quarta mídia apresentada aos alunos foi uma notícia no site da ONU, intitulada “Conferência da Unesco quer combater desinformação e discurso de ódio na internet”<sup>11</sup>. Esta notícia informou sobre um evento de dois dias chamado “Internet for Trust”, realizado na sede da agência em Paris, com o objetivo de encontrar

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/235988-guterres-alerta-para-necessidade-urgente-de-barreiras-para-conter-desinforma%C3%A7%C3%A3o-e-discurso>.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=mMAfetq5fQE&feature=youtu.be>.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtfDQqGtocl/?igshid=MzRIODBiNWFIZA>.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/02/1810267>.

abordagens consistentes e baseadas em direitos humanos para combater o discurso de ódio online.

A quinta mídia foi um histórico de ataques racistas do jogador Vinicius Júnior, reportagem que conta desde o início de sua carreira quantas vezes e como foram esses ataques.

Figura 3 – Imagens  
do autor –  
nov/2023



Fonte: O autor, 2023.

Após a leitura de todos os textos, fizemos uma roda de conversa e eu fui instigando os alunos a falarem sobre os vídeos e textos a que tivemos acesso, falamos de um por um de maneira específica e os alunos foram colocando suas percepções do texto. Em seguida, discutimos sobre a relação entre racismo e discurso de ódio. Os alunos interagiram entre si expondo os seus pontos de vista e o grande desafio foi chegar à conclusão de até onde vai a ‘brincadeira’ e quando começa o discurso de ódio ou racismo. Nessa roda de conversa, alunos que já sofreram racismo colocaram como se sentiram e o quanto é frustrante ver que o sofrimento deles é configurado como uma ‘brincadeira’.

*Professor: Eu sou racista! E eu preciso entender isso. Eu não sou racista porque vou chegar num preto e chamar ele de macaco. Jamais vou fazer isso. E quando eu ouço alguém falando me dá arrepios de tanta raiva. Mas eu tenho que entender que eu sou racista porque estou numa sociedade...*

*Aluno 1- (interrompe) que é racista*

*Professor: que é racista (concordando com o aluno)*

*Aluno 1 – E se você está nela, você é racista.*

*Professor – (completando) Por estar convivendo numa sociedade racista.*

*(...)*

*Professor: Porque se eu estou num ônibus e entrar um preto às oito horas da noite...*

*Aluno 1 (interrompe) – Pode guardar o relógio.*

*(risos da turma)*

*Professor: Entendeu?... E não é porque eu sou racista, ou melhor, é porque a sociedade me ensinou assim.*

*(...)*

*Professor: Então se eu não me vejo como uma pessoa racista, eu vou sempre achar que chamar o colega de macaco é uma...*

*Aluno: brincadeira..*

*Professor: (concordando) brincadeira.*

Nesse trecho pode-se perceber a maneira como o professor leva os alunos a perceberem que é importante o reconhecimento do racismo estrutural e mais, o quanto é necessário se colocar nesse lugar para que haja uma mudança de pensamento e conseqüentemente de atitudes.

Outro momento importante nessa conversa se dá quando trazemos para a conversa o caso ocorrido pelo aluno da turma, e como eles analisam o porquê de ter ocorrido com ele.

*Professor: Se eu não me reconhecer como uma pessoa racista, eu não vou lutar contra o racismo... não vou! (...) Vamos pro shopping? Vamos pro shopping? Quem é que tá limpando o chão?*

*A1: o preto.*

*Professor: Quem é que tá comendo lá sentado lá na cadeira?*

*A1: o branco.*

*Professor: Vamo pro hospital? Quem é o médico?*

*Diversos alunos: O branco.*

*Professor; Quem é o faxineiro?*

*Diversos alunos: O negro.*

*Professor: É por isso que Diego não pode ser médico. Por que que Diego não pode ser médico? Porque estruturalmente as pessoas que chegam lá na medicina são brancos. Então o que cabe pro Diego é ser pai de santo. É isso! Não que ser Pai de Santo seja um problema, não é. concordam comigo?*

*A2: O problema não é ser pai de santo, é ser criticado por ser pai de santo.*

*Professor: É fazer a associação, exatamente. Ele pode ser pai de santo, ok. Mas ele também pode ser médico. Inclusive ele pode ser médico e pai de santo, porque uma coisa não exclui a outra.*

Figura 4 – Imagens do autor – nov/2023



Fonte: O autor, 2023.

Conforme Silva (2012), a Roda de Conversa transcende a simples troca de palavras, constituindo-se em uma oportunidade de aprendizado mútuo e construção coletiva de conhecimento. Nesse espaço, os participantes compartilham experiências, opiniões e pontos de vista, proporcionando uma constante troca de saberes. Ao expressar suas vivências, cada sujeito aprende a argumentar e a ouvir, contribuindo para a construção de novos entendimentos e reflexões dentro do grupo. Essa dinâmica, lembra o autor, reflete as teorias de Vygotski e Bakhtin, que destacam a interação como fundamental para o desenvolvimento do conhecimento, onde as vozes individuais se entrelaçam e se refletem, gerando novas construções.

Além de promover a construção de conhecimento, afirma Silva (2012), a Roda de Conversa também estimula a reflexão autônoma e a suspensão de julgamentos, favorecendo o desenvolvimento de uma postura reflexiva e crítica nos participantes.

O ato de ouvir atentamente e de acolher diferentes perspectivas enriquece o processo de aprendizagem, permitindo que cada indivíduo se beneficie das experiências compartilhadas pelo grupo. Por isso, essa prática se mostra relevante em diversas áreas profissionais e em todos os níveis educacionais, já que a comunicação é essencial para a interação humana e para a construção do conhecimento coletivo (Silva, 2012).

**Habilidades da BNCC trabalhadas:<sup>12</sup>****Sugestões de habilidades no referencial Curricular da Prefeitura de Rio Bonito:<sup>13</sup>****Discussão:**

Na terceira aula da intervenção, os alunos foram conduzidos por uma série de atividades destinadas a compreender o que é o discurso de ódio, especialmente em sua relação com o racismo. Divididos em grupos, cada um foi designado para analisar diferentes materiais, incluindo notícias, vídeos e posts em mídias sociais, que abordavam o tema do discurso de ódio e suas ramificações.

O conteúdo apresentado aos alunos ofereceu uma visão abrangente das manifestações do discurso de ódio em contextos variados, desde discursos proferidos por autoridades internacionais até mensagens compartilhadas em plataformas de mídia social. Os materiais destacaram a amplitude e a gravidade do problema, ressaltando como o discurso de ódio pode incitar a violência, promover o racismo e ameaçar a paz e a segurança.

Ao analisar esses materiais, os alunos foram desafiados a formular perguntas, apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, e compartilhar suas perspectivas em relação ao tema através de textos orais e escritos, pois pedi aos alunos que escrevessem o que achavam dos textos e/ou vídeos aos quais tiveram acesso e em seguida compartilhassem com os demais da turma. Essas atividades promoveram habilidades de análise crítica, pesquisa e expressão oral, alinhadas com as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A habilidade EF69LP14 foi exercitada à medida que os alunos buscavam informações em fontes diversas e analisavam diferentes aspectos do tema em questão. Da mesma forma, a habilidade EF69LP15 foi desenvolvida durante as

---

<sup>12</sup> EF69LP14 – “Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.”

EF69LP15 – “Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.”

<sup>13</sup> “Fazer a adequação do discurso, utilizando a linguagem formal ou informal de acordo com a situação de produção (formal/informal).”

“Expressar suas ideias com clareza, coerência e fluência, respeitando os turnos de fala.”  
Ler e produzir material de publicidade e propaganda.”

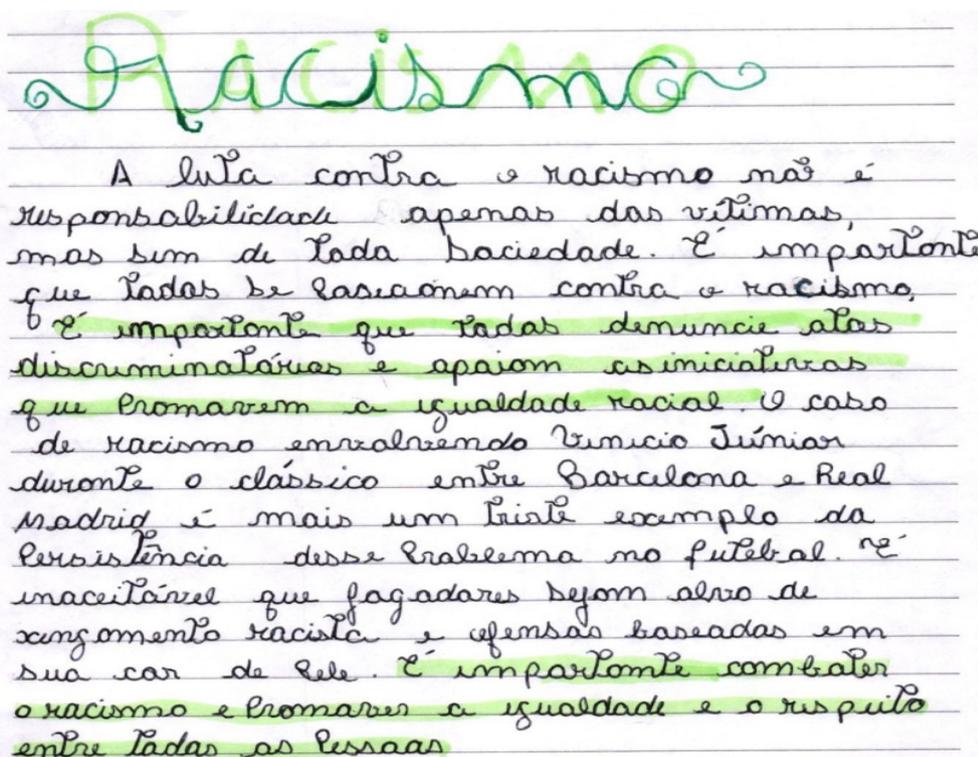
discussões em grupo, onde os alunos apresentavam e debatiam argumentos sobre temas controversos e polêmicos.

Além disso, a atividade também estimulou a habilidade EF89LP11, na medida em que os alunos foram desafiados a produzir materiais persuasivos e informativos relacionados ao tema do discurso de ódio e racismo. Ao preparar materiais que sustentassem seus posicionamentos e apresentá-los, os alunos exercitaram habilidades de comunicação e persuasão.

No âmbito das sugestões de habilidades do referencial curricular da Prefeitura de Rio Bonito, os alunos foram incentivados a fazer a adequação do discurso conforme a situação de produção, bem como a expressar suas ideias com clareza e coerência, respeitando os turnos de fala.

Seguem alguns trechos dos textos produzidos por eles:

Figura 5 - Trecho do texto de uma aluna sobre racismo. nov/2023



A luta contra o racismo não é responsabilizada apenas das vítimas, mas sim de toda sociedade. É importante que todos se posicionem contra o racismo, e é importante que todos denunciem atos discriminatórios e apoiem as iniciativas que promovam a igualdade racial. O caso de racismo envolvendo Junior durante o clássico entre Barcelona e Real Madrid é mais um triste exemplo da persistência desse problema no futebol. É inaceitável que jogadores sejam alvo de xingamento racista e ofensas baseadas em sua cor de pele. É importante combater o racismo e promover a igualdade e o respeito entre todas as pessoas.

Fonte: O autor, 2023.

Figura 6 - Trecho do texto de uma aluna sobre racismo. nov/2023

as pessoa acham que elas tem o direito de "Humilhar" alguem pela cor de sua pele.  
 no caso do Vinicius Junior podemos ver com muita clareza como o preconceito ainda e algo que acontece com frequencia, mesmo sendo CRIME.  
 Por que desejar a morte de uma pessoa e' pela cor da pele dela?! isso não e' Humano.  
 independente da cor, da raga, genero ou crenga, somos todos iguais.  
 pessoas que cometem o racismo devem ser punidas pois elas são criminosas.  
 precisamos que as pessoas entendam que no final das contas somos todos iguais.

Fonte: O autor, 2023.

A terceira aula da intervenção proporcionou uma oportunidade valiosa para os alunos desenvolverem habilidades acadêmicas e sociais essenciais, ao mesmo tempo em que abordavam um tema relevante e atual com profundidade e reflexão crítica.

Aqui, contemplou-se o item de número 8 do decálogo. A importância de trabalhar com os alunos estratégias para a produção e compreensão de escuta e textos orais é fundamental para desenvolver suas habilidades comunicativas de maneira integral. Assim como a leitura e a produção escrita, a produção de gêneros orais e a escuta ativa precisam ser foco de atividades pedagógicas estruturadas. (Magalhães *et al.*, 2022).

#### 3.2.4 4ª Etapa – Roda de conversa com o tema: discurso de ódio e racismo nas redes. Devemos regulamentar as redes sociais?

Na quarta etapa da intervenção, a aula iniciou-se com uma roda de conversa sobre o tema “discurso de ódio e racismo nas redes” e a questão da necessidade de regulamentar as redes sociais. Para embasar a discussão, foi lido o texto “Na

UNESCO, um chamado para regulamentar as plataformas digitais diante da desinformação e do discurso de ódio online”<sup>14</sup>.

Durante a roda de conversa, os alunos compartilharam seus posicionamentos sobre a regulação das redes sociais. A discussão foi enriquecida pela reflexão realizada ao longo da intervenção, que proporcionou uma compreensão mais profunda das questões relacionadas ao discurso de ódio e racismo online.

Após a discussão, assim que recolhi dos educandos sugestões, decidimos pela criação de uma peça teatral que abordaria o racismo estrutural, conceito abordado pelo Gilberto Gil no episódio do Podcast com Mano Brown, e sistematizado por mim em sala de aula logo após o vídeo. A peça foi um teatro mudo, ao som da música “A carne” de Elza Soares, onde iniciaria com a venda de pessoas pretas no contexto da escravidão no século XIX, esses personagens que foram vendidos saem de cena e voltam com roupas atuais trabalhando em profissões de subserviência como babás, pedreiros, garis, engraxates e cozinheiros para mostrar que estruturalmente o povo negro ainda tem dificuldades de acesso a lugares de poder na sociedade. Toda a cena acontece durante a canção. A apresentação ocorreu para toda a comunidade escolar, incluindo famílias e profissionais da escola, em seguida falei para a comunidade escolar sobre racismo e a importância de sermos antirracistas, por fim cantamos a música Rap da felicidade de Cidinho, Doca e Dj Malboro encerrando assim a participação da turma. A culminância foi o fechamento da intervenção.

A escolha da música “A Carne”, de Elza Soares, para compor a peça teatral foi extremamente simbólica e estratégica no contexto da intervenção pedagógica. A canção, conhecida por seu conteúdo forte e crítico sobre a condição da população negra no Brasil, reforça a mensagem visual do teatro que explora a continuidade da marginalização dos negros desde a escravidão até os dias atuais. A letra de Elza Soares ressalta a dura realidade de que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, fazendo uma crítica contundente à permanência de desigualdades raciais. No teatro, a sequência em que personagens negros são inicialmente vendidos como escravos e, posteriormente, retratados em profissões de subserviência como babás, pedreiros e garis, é uma representação visual da opressão sistêmica enfrentada pela população negra, destacando como a escravidão deixou marcas profundas que ainda

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/na-unesco-um-chamado-para-regulamentar-plataformas-digitais-diante-da-desinformacao-e-do-discurso-de>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ecoam na sociedade moderna, onde o acesso aos espaços de poder é muitas vezes negado a essas pessoas.

Ao final, seria dada uma palavra explicativa sobre a peça e a importância de se refletir sobre o racismo estrutural, bem como combatê-lo. Foi dada a oportunidade aos alunos de assumirem o microfone e falarem sobre, porém nenhum deles se sentiu confortável para esse momento.

O silêncio dos educandos ao se recusarem a falar diretamente com a comunidade escolar sobre o tema nos traz duas reflexões: a primeira é que existe um receio grande em falar em público, receio da exposição, de não usar a língua de forma correta, receio da “zoação”, esses mesmos alunos que, em roda de conversa com seus pares, não se sentiam constrangidos, muito pelo contrário, nesse momento não conseguiram se expor, muito disso devido ao contexto em que se dá a fala, em sala de aula, não havia a preocupação com o julgamento moral e linguístico dos colegas e professores, num palco para toda a comunidade a fala precisaria ser mais formal e isso deixou todo o grupo inseguro. Para além disso, a complexidade e o peso que o racismo carrega no cotidiano também foi um dificultador. Esse silêncio pode ser interpretado também como um reflexo do medo ou desconforto em expor uma realidade que, muitas vezes, é invisibilizada ou minimizada nas interações familiares. O fato de nenhum aluno ter se sentido à vontade para falar com a comunidade escolar sobre racismo revela não apenas a falta de diálogo aberto sobre o tema em muitos lares, mas também a delicadeza com que a questão é tratada na sociedade. Esse silêncio é, portanto, uma manifestação da dificuldade em romper com as barreiras sociais que evitam discussões sobre preconceito, o que torna a intervenção do pesquisador ainda mais essencial.

A intervenção foi crucial para preencher esse vácuo de diálogo e criar um espaço seguro onde a comunidade escolar, incluindo as famílias, pudesse refletir sobre a importância do antirracismo. A presença silenciosa dos alunos durante a peça, junto com a forte simbologia da canção “A Carne”, trouxe à tona o impacto profundo que o racismo estrutural tem em suas vidas e na sociedade como um todo. Esse silêncio, portanto, não pode ser visto como passividade, mas sim como um reflexo da complexidade do tema e da dificuldade em abordar uma questão tão arraigada na estrutura social. A intervenção, seguida pela fala sobre o racismo e a importância de ser antirracista, proporcionou o espaço necessário para que essa temática fosse

abordada de forma coletiva e crítica, culminando em uma conscientização que se estendeu para além da sala de aula.

Essa atividade teve como objetivo deixar um legado relevante na unidade escolar, abordando temas importantes e atuais de forma educativa e engajada. A peça teatral representou a concretização do objetivo pedagógico da pesquisa, reforçando os valores de aprendizado, pluralidade e diversidade dentro da escola. Nesta etapa, foram duas aulas para a roda de conversa, uma aula para estruturar como seria o roteiro da peça teatral, ainda na mesma roda, e este roteiro seria pensado a partir de tudo o que vimos, lemos e conversamos ao longo da intervenção. A partir daí foram 6 aulas de ensaios e organização de figurino, maquiagem e objetos de cena. A apresentação da peça foi feita na semana da Consciência Negra<sup>15</sup> e contou com a participação de todos os alunos da turma e foi realizada para alunos, responsáveis e funcionários da unidade. Entre a montagem do espetáculo, organização de som, arrumação dos alunos, apresentação da peça e explanação do tema foram mais 3 aulas, totalizando 12 aulas de 50 minutos.

Figura 7 – Imagens do autor – nov/2023



<sup>15</sup> Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/x7qmw544Cyrnddfg9>; <https://photos.app.goo.gl/RhoqY9axuzX2houZ8>; <https://photos.app.goo.gl/ikqXvRgHJG8EKdRA6>.

### Habilidades da BNCC trabalhadas:<sup>16</sup>

### Sugestões de habilidades no referencial Curricular da Prefeitura de Rio Bonito:<sup>17</sup>

#### Discussão:

A verdade é que, ao fim desta etapa, verificou-se que os educandos se tornaram protagonistas. Isto vem ao encontro do conceito de protagonismo discente, também importante neste trabalho. De acordo com Costa (2004), o protagonismo discente surge como uma abordagem fundamental no contexto educacional contemporâneo, que vai além da mera transmissão de conhecimento para uma abordagem mais participativa e colaborativa.

Nesse sentido, a Roda de Conversa, que se empregou nesta etapa da pesquisa, se destaca como uma prática pedagógica que promove a corresponsabilização entre alunos e professores na construção do conhecimento e na formação cidadã. Ao criar espaços e condições para que os alunos se envolvam em atividades que abordam problemas reais, o protagonismo discente incentiva uma aprendizagem ativa e reflexiva, onde o aluno é reconhecido como o ponto de partida e de chegada dos processos educacionais (Costa, 2004).

---

<sup>16</sup> EF69LP25 – “Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.”

EF69LP15 – “Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.”

EF69LP26 – “Tomar nota em discussões, debates, palestras, apresentação de propostas, reuniões, como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados).”

EF69LP13 – “Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.”

EF67LP23 – “Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.”

EF89LP22 – “Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar.”

<sup>17</sup> “Utilizar estratégias conversacionais de cooperação e respeito, em interações em sala de aula e na escola.”

“Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos da fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.”

É imperativo que o protagonismo discente, afirma Costa (2004), ocupe um lugar de destaque no planejamento das ações didáticas, demandando dos professores uma abordagem mais reflexiva e inovadora. Nesse contexto, o papel do educador é de mediação, facilitando a participação ativa dos alunos e promovendo uma aprendizagem significativa. Ao reconhecer cada aluno como um sujeito ativo e capaz de construir seus próprios conhecimentos, o professor se torna um facilitador do processo educativo, adaptando suas práticas pedagógicas para atender às necessidades e potencialidades de cada estudante.

O protagonismo discente, conclui Costa (2004), não apenas estimula a participação efetiva dos alunos, mas também promove uma educação mais democrática e transformadora. Ao proporcionar oportunidades para que os alunos se tornem agentes de sua própria aprendizagem, a escola abre espaço para a inovação pedagógica e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

### **3.2 Síntese da intervenção**

Apresenta-se a seguir um quadro-síntese da intervenção:

Quadro 1 – Quadro síntese da intervenção

TÍTULO	VOZES CONTRA O RACISMO E O ÓDIO: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	RELAÇÃO COM OS OBJETIVOS EXPLICITADOS
<p>ETAPA I</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação e discussão da proposta.</li> <li>- Apresentação de um vídeo motivador.</li> <li>- Identificação dos elementos que compõem uma conversa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relembrar o ocorrido no evento em comemoração ao aniversário da cidade com um aluno negro.</li> <li>- Assistir ao terceiro episódio da primeira temporada da série Em casa com o Gil.</li> <li>- Fazer uma grande roda em sala de aula e discutir quais elementos da conversa estão presentes no vídeo assistido.</li> </ul>	<p>Acredita-se que o objetivo de promover o ensino explícito de aspectos da fala conforme proposto por Magalhães et al. (2022), foi contemplado, ao menos em parte. A apresentação da proposta, seguida pela exibição de um vídeo motivador e a identificação dos elementos que compõem uma conversa, proporcionou aos alunos a oportunidade de observar e analisar características da oralidade em contextos reais. A reflexão sobre um evento específico e a exibição do episódio da série “Em casa com o Gil” reforçam a importância desses elementos linguísticos na construção do sentido nas interações sociais.</p> <p>A discussão em grupo sobre os elementos da conversa presentes no vídeo possibilitou um ambiente colaborativo de análise crítica.</p>
<p>ETAPA II</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Reflexão sobre o apagamento da ancestralidade negra e os impactos dele nos dias atuais.</li> <li>-Diferenciando Conversa de Entrevista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Ouvir trechos do podcast Mano a Mano de 13/07/2023 com Mano Brow e Gilberto Gil.</li> <li>-Discutir oralmente o tema exposto no podcast.</li> <li>-Conscientizar os discentes de que o apagamento da ancestralidade negra ocorre em suas famílias.</li> </ul> <p>Dividir a turma em grupos e analisar quais momentos do podcast se encaixam no gênero entrevista e quais se assemelham a uma conversa.</p>	<p>O objetivo de integrar a oralidade e o letramento como práticas sociais, conforme Magalhães et al. (2022), foi contemplado através de atividades que destacaram a multimodalidade da oralidade e suas implicações culturais e ideológicas.</p> <p>A discussão oral sobre o tema exposto no podcast e a análise das diferenças entre conversa e entrevista em trechos do programa reforçaram a compreensão dos alunos sobre as nuances da oralidade.</p>
<p>ETAPA III</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Caracterização e identificação do Discurso de Ódio.</li> <li>-Reflexão sobre o impacto do Discurso de Ódio nas redes sociais.</li> <li>-Pesquisa sobre a regulamentação dos usos das redes sociais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Dividir a turma em quatro grupos e analisar textos escritos e orais sobre o Discurso de ódio e Racismo.</li> <li>-Fazer uma grande roda e a partir dos textos analisados, conversar sobre o conceito do Discurso de Ódio e qual a sua relação com o Racismo.</li> </ul>	<p>O objetivo de sistematizar estratégias para a produção e compreensão de textos orais, conforme Magalhães et al. (2022), foi contemplado através de atividades que promoveram a análise crítica e a reflexão sobre o Discurso de Ódio e o Racismo. Ao dividir a</p>

	<p>Produzir textos escritos que sustentem os posicionamentos expostos na roda de conversa juntamente com informações pesquisadas sobre a regulamentação das redes sociais frente aos ataques realizados nelas.</p>	<p>turma em grupos para analisar textos orais e escritos sobre esses temas, os alunos tiveram a oportunidade de aplicar estratégias de compreensão e escuta, como a identificação de aspectos da fala e a análise das dimensões multimodais e interacionais dos discursos. A reflexão sobre o impacto do Discurso de Ódio nas redes sociais também contribuiu para a discussão sobre variedades linguísticas e os efeitos da linguagem na sociedade. A grande roda de conversa, seguida pela produção de textos escritos que refletiam os posicionamentos discutidos, reforçou o desenvolvimento de habilidades orais e escritas, permitindo aos alunos explorar a argumentação e a dicção em contextos reais e relevantes.</p>
<p>ETAPA IV</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise da produção dos alunos.</li> <li>- Construção de uma peça teatral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Fazer uma grande roda</li> <li>-Ler o texto “Na UNESCO, um chamado para regulamentar as plataformas digitais diante da desinformação e do discurso de ódio online”</li> <li>-Compartilhar os posicionamentos sobre a regulamentação do uso das redes sociais.</li> </ul> <p>Construir uma peça teatral que conscientize e mobilize toda a comunidade escolar sobre o Racismo e sua estrutura na sociedade.</p>	<p>O objetivo de sistematizar estratégias para a produção e compreensão de textos orais, conforme Magalhães et al. (2022), foi contemplado através de atividades que integraram a análise crítica e a expressão criativa. Ao compartilhar seus posicionamentos em uma grande roda, os alunos exercitaram a argumentação e a compreensão das variedades linguísticas presentes nas discussões sobre temas sociais importantes, como o Racismo. A construção de uma peça teatral com o objetivo de conscientizar a comunidade escolar sobre o Racismo exemplificou a aplicação prática dessas estratégias, permitindo que os alunos dramatizassem suas reflexões e aprofundassem sua compreensão das oposições fonológicas e dos aspectos da fala que distinguem indivíduos. A dramatização não apenas mobilizou os alunos para um exercício criativo de expressão oral, mas também reforçou a importância de compreender a estrutura social</p>

		do Racismo, promovendo uma abordagem crítica e consciente na produção e escuta de textos orais.
--	--	---

Fonte: O autor, 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa de mestrado, nos dedicamos a explorar profundamente a importância do ensino da oralidade na roda de conversa como uma ferramenta multifacetada para o desenvolvimento acadêmico, social e moral dos alunos. Especificamente, direcionamos nosso foco para o papel da oralidade na abordagem de questões sociais complexas, como o racismo e o discurso de ódio, dentro do contexto da sala de aula. Ao longo deste estudo, desenvolvemos e implementamos uma intervenção cuidadosamente planejada, com o objetivo de investigar como o ensino sistemático da conversa pode influenciar a participação dos alunos em discussões críticas sobre esses temas sensíveis.

Após receberem orientações sobre a organização da conversa e os diferentes gêneros discursivos, bem como a aplicação das habilidades propostas pela BNCC e pelo referencial curricular, foi possível observar uma mudança significativa na dinâmica da última roda de conversa. Os alunos demonstraram uma maior capacidade de expressar suas opiniões de forma clara e articulada, apresentando argumentos mais elaborados e embasados em evidências. Além disso, eles pareciam mais confortáveis em discutir questões delicadas, como o racismo, e mais dispostos a confrontar visões preconceituosas e estereotipadas.

Os alunos demonstraram uma maior capacidade de posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, apresentando argumentos e contra-argumentos coerentes, e respeitando os turnos de fala. Além disso, engajaram-se na busca de conclusões comuns, contribuindo ativamente para a construção do conhecimento coletivo. Suas intervenções foram mais profundas e engajadas, indicando não apenas um aprimoramento das habilidades linguísticas, mas também um desenvolvimento significativo de sua consciência crítica e social.

O objetivo geral foi atingido, pois os alunos tiveram a oportunidade de refletir, questionar, analisar e debater sobre o preconceito racial. As rodas de conversa permitiram um espaço seguro e inclusivo onde os estudantes puderam compartilhar suas experiências e percepções, desenvolvendo suas capacidades de pensamento reflexivo e discernimento crítico, por meio da ênfase do trabalho com a oralidade. Esse ambiente dialógico não apenas aprofundou a compreensão sobre o racismo, mas também promoveu a empatia e a solidariedade entre os alunos.

No âmbito acadêmico, a dissertação buscou oferecer uma discussão teórica substancial sobre a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) e as rodas de conversa em sala de aula. A pesquisa teórica consolidou a compreensão sobre a importância da interação verbal na construção de significados sociais e na promoção de mudanças comportamentais.

Do ponto de vista pedagógico, a implementação das rodas de conversa em sala de aula destacou-se como uma estratégia eficaz de combate ao racismo. As discussões promovidas durante as rodas de conversa ajudaram a sensibilizar os alunos sobre as diferentes formas de preconceito racial, incentivando-os a questionar atitudes e comportamentos discriminatórios. Ao engajar os alunos em debates significativos sobre racismo, a roda de conversa desenvolveu habilidades comunicativas e críticas, essenciais para a formação de cidadãos conscientes e ativos na luta contra a discriminação.

A aplicação prática das rodas de conversa com a turma do Ensino Fundamental demonstrou o potencial dessa metodologia para promover uma educação antirracista efetiva. Os alunos não apenas ampliaram seu conhecimento sobre o racismo, mas também se tornaram agentes de mudança, comprometidos em combater o preconceito em suas comunidades. A experiência revelou que, ao proporcionar um espaço de diálogo aberto e respeitoso, é possível fomentar uma cultura de inclusão e respeito mútuo, preparando os jovens para enfrentar e transformar as desigualdades sociais. Assim, este trabalho contribuiu significativamente para a promoção de uma educação mais justa e equitativa, reafirmando a importância de metodologias participativas e reflexivas no combate ao racismo.

É importante destacar que essa transformação não ocorreu isoladamente. Ela foi facilitada por um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso, no qual os alunos se sentiram encorajados a compartilhar suas experiências e perspectivas pessoais de maneira autêntica e sem julgamentos. Além disso, a presença de um professor que é comprometido e sensível às necessidades emocionais dos alunos desempenhou um papel fundamental na promoção de um diálogo construtivo e enriquecedor.

Esses resultados ressaltam a importância não apenas do ensino da oralidade em si, mas também da integração das habilidades propostas pela BNCC e pelo referencial curricular, as quais proporcionaram uma base sólida para a transformação observada nos alunos. Capacitando os alunos com as habilidades necessárias para uma comunicação eficaz e uma participação ativa na esfera pública, o ensino da

oralidade desempenha um papel crucial na promoção do pensamento crítico, da empatia e do respeito mútuo, aspectos essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e plural.

Outro aspecto relevante deste estudo, pós a prática em sala de aula, foi a criação de um produto final tangível: um manual de discurso antirracista e anti-ódio na sala de aula. Este manual, intitulado “*Vozes contra o racismo e o ódio: um guia prático para educadores*”, representa uma ferramenta valiosa para os professores que desejam abordar esses temas de forma eficaz e responsável em suas práticas pedagógicas. Com orientações claras e atividades práticas, o manual visa capacitar os educadores a promoverem discussões significativas e a cultivarem uma cultura de respeito e inclusão em suas salas de aula.

Em última análise, este estudo ressalta a importância de integrar o ensino da oralidade com a abordagem de questões sociais relevantes, como o racismo e o discurso de ódio, no contexto educacional. Ao fornecer aos alunos as habilidades e os recursos necessários para participarem ativamente dessas discussões, estamos não apenas promovendo seu desenvolvimento acadêmico, mas também os preparando para se tornarem cidadãos críticos, empáticos e engajados em uma sociedade diversa e complexa. Espera-se que os insights obtidos neste estudo inspirem futuras pesquisas e práticas pedagógicas voltadas para a promoção da justiça social e da igualdade de oportunidades na educação.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos.** Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.
- ARAÚJO, F. A. SUASSUNA, L. Critérios para a avaliação da oralidade no ensino de Língua Portuguesa. **Letras.** Santa Maria. Volume 01, 2020.
- BULLA, G.; SCHULZ, L. Análise da Conversa Etnometodológica e Educação: Linguística: algumas contribuições para a formação de professores. **Calidoscópico**, São Paulo n. 2, v. 16 p.194-205, mai/ago, 2018.
- CASTRO, L. Qual é o lugar do professor branco na prática antirracista? **Nova Escola**, 17 jul. 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21720/qual-e-o-lugar-do-professor-branco-na-pratica-antirracista>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- CONCEIÇÃO, L. E. GARCEZ, P. O revozeamento no discurso da Escola Pública Cidadã. **Linguagem e Educação.** 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3941>. Acesso em 10 de mar. 2024.
- COULON, A. **Etnometodologia.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- COSTA, A. C. G. **Protagonismo juvenil: o que é e como praticá-lo.** Modus Faciendi. Belo MG 2004.
- DREW, P. HERITAGE, J. C. **Talk at Work.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- FÁVERO, L. L. Et al. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da Língua Materna.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- FREIRE, P. **Educação como prática libertadora.** São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- FIGUEIREDO, A. QUEIROZ, T. N. A utilização das rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.
- GARCEZ, P. M. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. **Calidoscópico**, 4(1), 66–80.
- GARCEZ, P. M. Formas Institucionais de fala-em-interação e conversa cotidiana: Elementos para a distinção a partir da atividade de argumentar. **Revista Palavra**, n. 8, p. 54-73, 2002.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. São Paulo: Editora Plano, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

HAGUETTI, T. M. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEAL, T. Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola: o oral em documentos curriculares, livros didáticos e prática docente. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**. Volume 26, número 1. 2022.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MAGALHÃES, T. G. Por uma pedagogia oral. **Estud. Lingu.** Londrina, número 11, p. 137-153. 2008.

MAGALHÃES, T. G. Et al. Um decálogo para a inserção da oralidade na formação docente. **Veredas**. Volume 26, número 1, 2022.

MIRANDA, N. S. Educação da Oralidade ou o Cala a boca não morreu. **Rev. Anpoll**. Número 18. 2005.

MOURA, A. LIMA, M. A reinvenção da Roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**. João Pessoa. Volume 23, Número 1, 2014.

RAMOS, J. M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. **Language**, 50 (4), p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, A. **Sequence Organization**. Los Angeles: Department of Sociology, UCLA, 1995.

SCHULZ, L. **A construção da participação na fala-em-interação de sala de aula: um estudo microetnográfico sobre a participação em uma escola municipal de**

**Porto Alegre.** Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SILVA, A. **A roda de conversa e a sua importância na sala de aula.** Rio Claro: UNESP, 2012.

SILVEIRA, S. B. Uma perspectiva interacional em Linguística. **Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações.** VASCONCELOS, Z.; AUGUSTO, M. SHEPHERD, T. G. (orgs.). Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. Gêneros orais: conceituação e caracterização. **Olhares e Trilhas.** Uberlândia. Volume 18, número 2. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

APÊNDICE – Módulo didático



## CADERNO DE ATIVIDADES

# VOZES CONTRA O RACISMO E O ÓDIO: UM GUIA PRÁTICO PARA EDUCADORES

Felipe Wilson Martins Santana

São Gonçalo

2024

## **Apresentação**

Caro colega professor,

É com grande satisfação que apresentamos este manual dedicado ao ensino da oralidade e à promoção de uma cultura de respeito e inclusão em sala de aula.

Este manual foi elaborado com o objetivo de fornecer orientações práticas e recursos úteis para auxiliá-lo nessa importante missão.

Ao longo das próximas páginas, você encontrará uma variedade de estratégias e atividades projetadas para promover a oralidade dos alunos e incentivar discussões construtivas sobre temas como racismo, discriminação e preconceito. Desde sugestões para estruturar roda de conversas até recursos para abordar questões de justiça social, nosso objetivo é prepará-lo para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e estimulante para todos os alunos.

Nossa abordagem baseia-se na crença de que o diálogo aberto e respeitoso é essencial para promover a compreensão mútua e combater a intolerância e o ódio. Ao fornecer aos alunos oportunidades significativas para expressar suas opiniões, ouvir as perspectivas dos outros e refletir sobre questões sociais importantes, você contribuirá para o desenvolvimento de cidadãos críticos, conscientes e engajados.

Este manual não pretende ser um guia definitivo, mas sim uma fonte de inspiração e suporte para suas práticas pedagógicas. Encorajamos você a adaptar e personalizar as atividades conforme necessário para atender às necessidades específicas de seus alunos e contexto escolar. Com criatividade, empatia e comprometimento, acreditamos que você pode fazer a diferença na vida de seus alunos e na construção de um mundo mais justo e igualitário.

Agradecemos sinceramente seu interesse e dedicação ao ensino da oralidade e à promoção da justiça social em sala de aula. Esperamos que este manual seja útil e inspirador em sua jornada como educador.

Atenciosamente,

**Felipe Wilson Martins Santana**

## 1. O Ensino da Oralidade para a promoção da justiça social e da inclusão

O ensino da oralidade tem sido reconhecido como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos. Mais do que simplesmente transmitir informações, a comunicação oral permite a expressão de ideias, a construção de relações interpessoais e o engajamento em debates significativos. Para que a oralidade seja efetivamente promovida em sala de aula, é crucial compreender o contexto em que ocorrem as interações verbais. Nas últimas décadas, tem havido um crescente reconhecimento da importância da promoção da justiça social e da inclusão no ambiente educacional. A sala de aula não é apenas um espaço de transmissão de conhecimento, mas também um microcosmo da sociedade, onde valores, atitudes e comportamentos são moldados. Nesse sentido, o ensino da oralidade não pode ser dissociado do compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para compreender plenamente o impacto do ensino da oralidade na promoção da justiça social e da inclusão, é essencial explorar conceitos-chave, como racismo, discriminação e discurso de ódio. O racismo é uma forma de discriminação baseada em características raciais ou étnicas que perpetua desigualdades estruturais na sociedade. A discriminação refere-se à exclusão ou tratamento injusto de indivíduos com base em características como raça, gênero, orientação sexual, entre outras. O discurso de ódio engloba expressões que incitam ao ódio, à violência ou à intolerância contra determinados grupos sociais (Almeida, 2018). Ao explorar esses conceitos, os educadores podem capacitar os alunos a reconhecerem e combater manifestações de injustiça e discriminação em seu ambiente escolar e na sociedade em geral. Promover a expressão oral consciente e responsável contribui para a formação de cidadãos críticos e engajados, capazes de promover a mudança social positiva.

A construção de um ambiente educacional propício à diversidade, inclusão e respeito mútuo é essencial para promover a oralidade de forma justa e equitativa em sala de aula. Promover a diversidade cultural e étnica, conscientizar sobre questões sociais, e incentivar a participação ativa de todos os alunos são estratégias fundamentais. Estabelecer normas de comunicação clara e expectativas de comportamento desde o início do ano letivo é crucial para criar um ambiente positivo

e inclusivo. Ao envolver os alunos no processo de estabelecimento dessas normas, os educadores promovem um senso de responsabilidade compartilhada e pertencimento à comunidade escolar. Desenvolver conjuntamente as regras da sala de aula através de discussões abertas e inclusivas ajuda a estabelecer normas de comportamento e promove a construção de relacionamentos positivos.

Além de estabelecer regras claras, os educadores podem adotar estratégias para promover a empatia e a compreensão mútua entre os alunos. Atividades como role-playing, discussões em grupo e projetos colaborativos incentivam os alunos a considerar diferentes perspectivas e a praticar habilidades de comunicação e resolução de problemas. Reconhecer que conflitos são inevitáveis e abordá-los de forma construtiva e empática ensina aos alunos habilidades de resolução de conflitos, como comunicação não violenta, escuta ativa e negociação. Ao criar um espaço onde as vozes de todos os alunos são ouvidas e valorizadas, os educadores estão construindo uma comunidade escolar baseada no respeito e na inclusão. A preparação do ambiente de aprendizagem vai além da organização física da sala de aula, envolvendo a criação de um espaço onde todos os alunos se sintam seguros, valorizados e respeitados, prontos para contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Uma das principais sugestões para o ensino da oralidade projetada para promover a justiça social, a inclusão e o combate ao racismo em sala de aula é incorporar atividades que incentivem os alunos a desenvolver suas habilidades de comunicação oral enquanto refletem sobre questões relacionadas à justiça social e à igualdade. Isso pode incluir debates sobre tópicos relevantes, discussões em grupo, apresentações orais e atividades de role-playing. Abordar o uso de linguagem racista e discriminatória em sala de aula, educando os alunos sobre o impacto do discurso de ódio e incentivando o uso de linguagem inclusiva e respeitosa, promove valores de igualdade e dignidade para todos.

Para facilitar discussões significativas e construtivas, os educadores podem explorar técnicas de facilitação de rodas de conversa e debates, estabelecendo regras claras de participação e garantindo que todos os alunos tenham a oportunidade de contribuir. Incorporar recursos multimídia e materiais didáticos diversificados, como vídeos, artigos, músicas e obras de arte, que abordem questões relacionadas à discriminação, diversidade e direitos humanos, enriquece as discussões e atende às necessidades de aprendizagem de todos os alunos. As

estratégias de ensino da oralidade visam capacitar os alunos a se tornarem cidadãos engajados em questões de justiça social e inclusão, criando um ambiente onde todos se sintam valorizados, respeitados e capacitados a fazer a diferença em suas comunidades.

## 2. Sequência de atividades

### Plano de Aula 1: Explorando estruturas de conversa e reflexão sobre racismo

Os objetivos incluem expor os alunos ao tema do racismo por meio da análise de um vídeo motivador, identificar regras e padrões de conversação em situações reais, refletir sobre experiências pessoais e coletivas relacionadas ao preconceito racial e fomentar a escrita reflexiva sobre casos de racismo vivenciados ou conhecidos pelos alunos.

As atividades iniciam com a apresentação do episódio “Era nova - Descobrindo o mesmo ser em você e eu” da série *Em Casa com os Gil*, seguida de uma roda de conversa sobre o tema do racismo. Sugere-se ao educador que, após a apresentação do vídeo, inicie a roda de conversa com questões como: “Para você, o que é preconceito racial?”, “Você já sofreu com isso?” e “Já viu alguém sofrer algo semelhante?”. Estas perguntas são alternativas para iniciar a roda de conversa.

A segunda atividade envolve uma discussão em grupo sobre as regras e padrões observados na conversa apresentada, comparando-os com conceitos teóricos da conversa cotidiana. O educador pode utilizar o trabalho de Sacks et al. (1974), que lista as dez regras da conversa, e realizar uma reflexão com os alunos sobre como, apesar dessas regras, a conversa é flexível e depende de muitos fatores externos. A conversa é um meio de comunicação variável. Posteriormente, o educador pode pedir aos alunos que façam um checklist em relação ao episódio do vídeo assistido:

Tabela 3 – Elaborado pelo autor

QUAIS DESSAS REGRAS FORAM ENCONTRADAS NO EPISÓDIO DA SÉRIE "EM CASA COM O GIL?"	
REGRAS	ENCONTRADA?
A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.	( ) SIM ( ) NÃO
Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.	( ) SIM ( ) NÃO
Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.	( ) SIM ( ) NÃO
Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições.	( ) SIM ( ) NÃO
A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.	( ) SIM ( ) NÃO
O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.	( ) SIM ( ) NÃO
A extensão da conversa não é previamente especificada.	( ) SIM ( ) NÃO
O que cada um diz não é previamente especificado.	( ) SIM ( ) NÃO
A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada.	( ) SIM ( ) NÃO
O número de participantes pode variar.	( ) SIM ( ) NÃO

Fonte: O autor, 2024.

Posteriormente, o educador pode rever partes específicas do episódio que tratam do racismo propriamente, em uma antecipação à roda de conversa acerca do tema que ocorrerá mais tarde. Estimular a oralidade é crucial neste contexto, pois permite que os alunos expressem suas ideias, compartilhem experiências e desenvolvam habilidades comunicativas essenciais para o engajamento social e acadêmico. Trabalhar a oralidade de forma estruturada ajuda a promover a confiança e a capacidade de argumentação dos alunos, facilitando a interação e o respeito mútuo em discussões coletivas.

A terceira atividade estimula a escrita narrativa, onde os alunos são convidados a relatar uma história de racismo vivenciada ou conhecida por eles. Este exercício não só fortalece a habilidade de escrita, mas também incentiva a reflexão crítica e a empatia, ao permitir que os alunos reconheçam e analisem situações de injustiça e preconceito em suas próprias vidas ou na sociedade em geral. A atividade proporciona um espaço seguro para que os alunos se expressem e contribuam para uma discussão mais ampla sobre racismo e inclusão.

O tempo estimado para essas atividades é de seis aulas, abordando várias habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As habilidades trabalhadas incluem EF69LP05 (inferência e justificação em textos multimodais), EF69LP14 (formulação de perguntas e análise de temas polêmicos), EF67LP23 (respeito aos turnos de fala e participação em discussões coletivas), EF89LP22 (compreensão e

comparação de diferentes perspectivas em uma discussão) e EF69LP26 (tomada de notas em discussões para documentação e apoio à argumentação). Essas habilidades são essenciais para o desenvolvimento de competências comunicativas e críticas, preparando os alunos para uma participação ativa e consciente na sociedade.

## **Plano de Aula 2: Analisando gêneros de comunicação e reflexão sobre a ancestralidade**

No Plano de Aula 2, que aborda a análise de gêneros de comunicação e a reflexão sobre ancestralidade, os objetivos são analisar trechos de um podcast para identificar características de conversação e entrevista, além de refletir sobre a importância da ancestralidade e sua representação na sociedade contemporânea.

As atividades incluem a apresentação de trechos do podcast *Mano a Mano*, com Mano Brown e Gilberto Gil, focando na discussão sobre ancestralidade. Após ouvir os trechos do podcast, os alunos irão analisar o texto, identificando onde o podcast se encaixa no gênero entrevista e onde se encaixa no gênero conversa. O educador pode mostrar aos alunos, por meio de um quadro, as diferenças entre os gêneros da entrevista e da conversa, facilitando a compreensão das características e estruturas específicas de cada um.

As características de uma entrevista	As características da conversa
<b>Tem um objetivo definido.</b> Cada entrevista tem um propósito. A entrevista jornalística visa tratar de um tema de relevância para a opinião pública, enquanto a entrevista clínica tem como objetivo diagnosticar um paciente.	A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.
<b>Concentra-se em um tema.</b> A entrevista é preparada com base em um tema ou questão que você deseja discutir com o entrevistado. O tema de uma entrevista de emprego pode ser o desempenho potencial de um candidato a um cargo ou função, enquanto o tema de uma entrevista com uma personalidade do show business pode girar em torno de sua carreira ou do seu último trabalho. É responsabilidade do entrevistador manter a entrevista sobre o tema.	Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.
<b>Requer uma pesquisa prévia.</b> O entrevistador deve pesquisar o assunto com antecedência para garantir que a entrevista flua, seja dinâmica e cubra todos os aspectos de interesse.	Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.
<b>Consiste em perguntas e respostas.</b> O material final de uma entrevista são as perguntas (abertas ou fechadas) e as respostas do entrevistado. A natureza das perguntas e respostas corresponde ao tipo de entrevista que foi preparada, que pode ser estruturada, semiestruturada ou de forma livre.	Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições.
<b>O entrevistador faz as perguntas.</b> O papel do entrevistador é orientar a conversa para as áreas de interesse, com base na escolha das perguntas.	A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.
<b>O entrevistado é quem responde.</b> O papel do entrevistado é de se submeter ao que o entrevistador planejou. Sua participação tende a ser improvisada, espontânea e, neste sentido, supostamente genuína, o que confere à entrevista maior veracidade ou legitimidade.	O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.
<b>Ocorre através de um meio.</b> As entrevistas podem ser realizadas pessoalmente, por telefone ou por meios digitais, tais como videochamada, e-mail, e até mesmo mensagens de voz. A escolha do meio certo garante o sucesso da entrevista.	A extensão da conversa não é previamente especificada.
<b>Tem um registro.</b> Para registrar a entrevista, é necessário utilizar algum meio. Isto varia de um caderno de anotações até um dispositivo tecnológico, tal como dispositivos de gravação de voz ou vídeo, ou uma câmera fotográfica.	O que cada um diz não é previamente especificado. A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada. O número de participantes pode variar.

Fonte: <https://humanidades.com/br/entrevista/#ixzz8cf37AZVG>

Análise da Conversação. Marchuschi

Em seguida, o educador pode analisar, junto com os alunos, em que partes do podcast essas características ocorrem. A terceira atividade é um debate sobre a importância da preservação da ancestralidade e sua relação com o combate ao racismo. Posteriormente, o educador pode promover uma discussão específica, a partir do podcast, em uma roda de conversa sobre o apagamento da ancestralidade negra. O educador pode indagar aos alunos o que já sabem da história do povo negro no Brasil, além de pedir que apontem alguns elementos de sua cultura, como culinária

ou religião, e, por fim, questionar quais desses elementos fazem parte do cotidiano dos alunos.

O tempo estimado para essas atividades é de seis aulas. As habilidades da BNCC abordadas incluem EF69LP15 (respeito aos turnos de fala e apresentação de argumentos coerentes), EF89LP22 (comparação de diferentes gêneros de comunicação) e EF69LP26 (tomada de notas em discussões para apoio à argumentação).

### **Plano de Aula 3: Identificando e refletindo sobre discurso de ódio e racismo**

Os objetivos desta sequência didática são caracterizar e identificar o discurso de ódio, relacionando-o com o racismo, e analisar textos e vídeos sobre o tema para promover a reflexão crítica.

As atividades incluem a divisão da turma em grupos para análise de textos e vídeos relacionados ao discurso de ódio e racismo. Alguns textos sugeridos são:

- [Guterres alerta para necessidade urgente de barreiras para conter desinformação e discurso de ódio]<https://brasil.un.org/pt-br/235988-guterres-alerta-para-necessidade-urgente-de-barreiras-para-conter-desinforma%C3%A7%C3%A3o-e-discurso>

-[Vídeo no YouTube]<https://m.youtube.com/watch?v=mMAfetq5fQE&feature=youtu.be>

- [Post no Instagram]<https://www.instagram.com/p/CtfDQqGtocl/?igshid=MzRIODBiNWFIZA>

- [Racismo contra Vinicius Junior: veja tudo sobre o caso]<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/21/racismo-contra-vinicius-junior-veja-tudo-sobre-o-caso.ghtml>

No primeiro link, Guterres alerta para necessidade urgente de barreiras para conter desinformação e discurso de ódio. Neste vídeo, António Guterres, Secretário-Geral da ONU, enfatiza a urgência de estabelecer medidas eficazes para combater a desinformação e o discurso de ódio nas plataformas digitais. Ele argumenta que é crucial implementar barreiras para proteger a integridade das informações e promover um ambiente online mais seguro. O vídeo é relevante para a discussão sobre discurso

de ódio porque aborda diretamente a necessidade de regulamentação e estratégias de controle para enfrentar e mitigar a propagação de discursos prejudiciais na internet.

A seguir, há um vídeo, enviado pela ONU, que destaca a ideia de que o ódio não é inato, mas aprendido e transmitido. A mensagem central é que as crianças não nascem com preconceito ou ódio; esses sentimentos são ensinados ao longo do tempo. O vídeo é útil para a discussão sobre discurso de ódio, pois promove uma compreensão mais profunda de como o ódio se desenvolve e é perpetuado na sociedade, incentivando a reflexão sobre a importância de educar para prevenir a propagação de atitudes preconceituosas.

Depois, há o Post no Instagram que destaca o impacto histórico do discurso de ódio, desde o antissemitismo que levou ao Holocausto até o genocídio de 1994 em Ruanda, e menciona o Dia Internacional de Combate ao Discurso de Ódio, estabelecido pela ONU. A escalada do discurso de ódio para a violência física e suas consequências trágicas são abordadas, reforçando a importância de reconhecer e combater o discurso de ódio. Este post é relevante para a discussão, pois fornece um contexto histórico e atual para entender como o discurso de ódio pode culminar em graves violências e crimes, sublinhando a necessidade de ações para enfrentá-lo.

Por fim, há o artigo da Globo que detalha o caso de racismo enfrentado pelo jogador Vinicius Junior, incluindo os incidentes de discriminação racial e as respostas recebidas. O caso é um exemplo contemporâneo de como o discurso de ódio se manifesta no esporte e na mídia. A discussão sobre esse caso é importante para a compreensão do impacto real do discurso de ódio e racismo, ajudando a destacar as consequências práticas e a necessidade de medidas efetivas para combater o preconceito e promover a inclusão.

Em seguida, haverá uma discussão e reflexão em grupo sobre o conceito de discurso de ódio e sua relação com o racismo. Após a leitura dos textos, o educador pode estimular os alunos a estabelecerem relações entre o discurso de ódio e o racismo em uma roda de conversa. O educador pode iniciar a roda de conversa fornecendo uma definição clara e contextualizada do discurso de ódio, destacando suas características e impactos. Depois, explicar a relação entre discurso de ódio e racismo, utilizando exemplos atuais e históricos para ilustrar a conexão. Posteriormente, pode fazer algumas perguntas específicas para estimular o debate:

- **Quais são os principais elementos que caracterizam o discurso de ódio?** Essa pergunta ajuda os alunos a identificar e compreender os componentes do discurso de ódio.
- **Como o discurso de ódio pode influenciar e perpetuar o racismo na sociedade?** Estimula a reflexão sobre as consequências sociais e individuais do discurso de ódio.
- **Podem dar exemplos de situações em que o discurso de ódio foi associado a atos de racismo?** Permite que os alunos relacionem teoria com casos reais.
- **Quais são os efeitos do discurso de ódio em comunidades e indivíduos que são alvo dele?** Ajuda a entender o impacto emocional e social do discurso de ódio.
- **Como podemos identificar e combater o discurso de ódio no nosso dia a dia?** Incentiva a discussão sobre possíveis ações e estratégias para lidar com o problema.

Um ponto importante a ser debatido é até onde vai a "brincadeira" e quando ela passa a se caracterizar como discurso de ódio, ou se já não é um discurso de ódio velado desde o início.

O apoio teórico disponível para conceitos de discurso de ódio e racismo pode ser encontrado nos seguintes links:

- [O que é afinal discurso de ódio]<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/RXkbT9DQQ4bfxxmfJbEDf5VcmY5gru8aDZMPkyKRw4bkQmnY9XwYY2rkkdMT/o-que-e-afinal-discurso-de-odio.pdf>

- [Formas contemporâneas de racismo e intolerância nas redes sociais]<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/9q9xGXU5X39mEN3bswNhcBCSGSBTW4YJQpYqFKx2vhX7aCaaBn3ABSV67Dwf/formas-contemporaneas-de-racismo-e-intolerancia-nas-redes-sociais.pdf>

A partir da leitura desses textos, os alunos podem debater sobre a definição de discurso de ódio. O educador pode dividir os alunos em grupos, distribuir uma série de notícias, vídeos e comentários de redes sociais, e pedir que analisem o material para determinar o que é discurso de ódio e o que não é. Os alunos também podem

ser desafiados a formular questões a partir do material teórico recebido e do material para análise.

Por fim, haverá um debate sobre a regulamentação das redes sociais frente ao discurso de ódio, a partir dos textos analisados. O tempo estimado para essa sequência didática é de seis aulas.

As habilidades da BNCC abordadas incluem:

- EF69LP14: Formulação e decomposição de questões polêmicas.
- EF69LP15: Apresentação de argumentos e contra-argumentos coerentes.
- EF69LP13: Engajamento na busca de conclusões comuns sobre questões de interesse social.

#### **Plano de Aula 4: Roda de conversa e produção de campanha contra o discurso de ódio nas redes sociais**

Os objetivos desta sequência de atividades são promover uma roda de conversa sobre a necessidade de regulamentar as redes sociais diante do discurso de ódio.

As atividades incluem uma roda de conversa sobre o discurso de ódio e racismo nas redes sociais, embasada na leitura de um texto sobre a regulamentação das plataformas digitais.

Um texto sugerido, pela sua riqueza e possibilidades de debate, para essa atividade é [Na UNESCO, um chamado para regulamentar plataformas digitais diante da desinformação e do discurso de ódio] (<https://www.unesco.org/pt/articles/na-unesco-um-chamado-para-regulamentar-plataformas-digitais-diante-da-desinformacao-e-do-discurso-de>).

Após a leitura, haverá uma discussão dos posicionamentos dos alunos e a apresentação dos materiais trazidos por eles após pesquisa feita em casa para sustentar seus argumentos. Em seguida, os alunos criarão uma campanha publicitária inspirada na campanha da ONU de 2022 #NOHATE, contra o discurso de ódio. Para encerrar a intervenção, será desenvolvida uma hashtag simbólica para a campanha.

O tempo estimado para essa sequência didática é de nove aulas.

As habilidades da BNCC abordadas incluem:EF69LP25: Posicionamento sustentado em debates e discussões; EF69LP15: Respeito aos turnos de fala e apresentação de argumentos coerentes; EF69LP26: Tomada de notas em discussões

para apoio à argumentação; EF89LP11: Engajamento na produção colaborativa de uma campanha publicitária.

### 3. Avaliação e Reflexão

Cada um dos objetivos se relaciona a pontos do Decálogo.

Assim, o objetivo 1, que é o de produzir uma discussão teórica sobre a Articulação de Conhecimentos Disciplinares e Pedagógicos (ACE) e as rodas de conversa está alinhado ao 1º item do Decálogo, que aborda as concepções integradas de oralidade e letramento. A reflexão sobre o apagamento da ancestralidade negra e a diferenciação entre conversa e entrevista contribuem para uma compreensão mais ampla da oralidade como uma prática social e culturalmente enraizada, em vez de tratá-la como uma modalidade separada da escrita. A discussão teórica permite que os alunos vejam a oralidade e o letramento como parte de um continuum, evidenciando a importância de integrar esses conhecimentos na formação docente, ao invés de tratá-los como domínios distintos e hierárquicos.

Objetivo 2 é o de promover o ensino explícito de aspectos da fala. Este objetivo está em consonância com o 3º item do Decálogo, que se concentra no ensino explícito de aspectos típicos da fala.

O Objetivo 3 tem aspirações sistematicamente estratégicas para a produção e para a compreensão/escuta de textos orais e se relaciona com o 8º item do Decálogo, que enfatiza a importância de sistematizar estratégias para a produção e compreensão de textos orais. As ações como análise de discursos, construção de uma peça teatral e discussão sobre a regulamentação das redes sociais proporcionam uma abordagem prática e crítica para entender e aplicar estratégias de compreensão e produção oral.

### 4. Conclusões

Na conclusão deste manual, é pertinente recapitular os principais pontos discutidos ao longo dos capítulos, ressaltando a importância do ensino da oralidade e da promoção da justiça social em sala de aula.

Ao longo deste manual, exploramos diversas estratégias e abordagens para

promover a oralidade dos alunos em um contexto que valorize a justiça social e a inclusão. Desde os fundamentos teóricos que embasam a importância desse tipo de ensino até as práticas concretas para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e respeitoso, buscamos fornecer aos educadores as ferramentas necessárias para promover a oralidade de forma significativa.

Destacamos a necessidade de estabelecer normas claras de comunicação e comportamento, fomentar a empatia entre os alunos e explorar técnicas de facilitação de roda de conversa e debates. Além disso, fornecemos sugestões de atividades práticas e materiais didáticos para enriquecer as discussões em sala de aula e abordamos métodos de avaliação que valorizam a participação dos alunos e promovem uma cultura de aprendizagem colaborativa.

No entanto, é importante ressaltar que este manual não deve ser encarado como um conjunto de regras rígidas, mas sim como um guia flexível e adaptável às necessidades específicas de cada contexto educacional. Cada sala de aula é única, e cabe aos educadores adaptar as estratégias aqui apresentadas de acordo com as características e demandas de seus alunos.

Mais do que simplesmente aplicar as estratégias sugeridas, encorajamos os educadores a refletir continuamente sobre sua prática pedagógica e sobre o impacto do ensino da oralidade na promoção da justiça social. Isso requer uma abordagem reflexiva e crítica, que esteja sempre aberta ao diálogo e à colaboração com colegas, alunos e comunidade escolar.

Por fim, é fundamental reconhecer que o trabalho de promoção da justiça social em sala de aula é contínuo e multifacetado. Não se trata apenas de ensinar conteúdos específicos, mas de cultivar valores de respeito, igualdade e empatia que permeiem todas as dimensões da vida escolar. Esperamos que este manual possa servir como um ponto de partida para essa jornada, inspirando educadores a criar ambientes de aprendizagem que valorizem a diversidade, promovam o diálogo e contribuam para a construção de um mundo mais justo e inclusivo.

## Apêndice

### GLOSSÁRIO DE TERMOS-CHAVE

**1. Oralidade:** a habilidade de se comunicar efetivamente por meio da fala, incluindo a capacidade de articular pensamentos, compartilhar ideias e expressar

sentimentos verbalmente. A oralidade é fundamental para o desenvolvimento das habilidades de comunicação interpessoal e é essencial para o sucesso acadêmico e profissional. No contexto da sala de aula, promover a oralidade envolve criar oportunidades para os alunos praticarem a expressão verbal de suas ideias, participando de discussões em grupo, apresentações orais e debates.

**2. Justiça social:** um princípio ético que busca garantir a igualdade de direitos, oportunidades e recursos para todos os membros da sociedade, independentemente de sua origem social, econômica, racial, étnica, de gênero, orientação sexual, religião ou capacidade física. Promover a justiça social na sala de aula envolve criar um ambiente inclusivo que valoriza a diversidade, combate à discriminação e o preconceito, e busca garantir que todos os alunos tenham acesso igualitário a oportunidades de aprendizagem.

**3. Inclusão:** o processo de garantir a participação plena e igualitária de todos os alunos, independentemente de suas diferenças individuais, necessidades ou características, em todos os aspectos da vida escolar e comunitária. Adotar práticas inclusivas na sala de aula significa reconhecer e valorizar as diferentes habilidades, culturas e identidades dos alunos, adaptando o ensino e o ambiente de aprendizagem para atender às necessidades de todos.

**4. Racismo:** um sistema de crenças, práticas e estruturas sociais que perpetua a hierarquização e a marginalização de grupos étnicos ou raciais minoritários, resultando em discriminação, desigualdade e injustiça. O racismo pode se manifestar de várias formas, incluindo discriminação no acesso à educação, emprego, moradia e serviços de saúde, bem como estereótipos e preconceitos baseados na raça ou etnia das pessoas.

**5. Discriminação:** o tratamento injusto e diferenciado de indivíduos ou grupos com base em características como raça, etnia, gênero, religião, orientação sexual, idade ou deficiência, resultando em exclusão, marginalização ou violação de direitos. A discriminação pode ocorrer de forma explícita, como insultos racistas ou sexistas, ou de forma mais sutil, como a recusa em oferecer oportunidades de emprego ou educação com base em preconceitos pessoais.

**6. Discurso de ódio:** comunicação verbal ou escrita que promove o ódio, a violência ou a discriminação contra indivíduos ou grupos com base em características protegidas, como raça, religião, nacionalidade, orientação sexual, entre outras. Mensagens de ódio podem ser disseminadas por meio de mídias sociais, discursos

políticos, propaganda ou conversas cotidianas, e têm o potencial de incitar violência e prejudicar comunidades vulneráveis.

**7. Empatia:** a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo e compartilhando seus sentimentos, perspectivas e experiências, e respondendo de maneira compassiva e solidária. Desenvolver empatia envolve praticar a escuta ativa, mostrar interesse genuíno pelos outros, reconhecer e validar suas emoções e oferecer apoio e compreensão quando necessário.

**8. Normas de comunicação:** regras, combinados e expectativas estabelecidas para promover uma comunicação respeitosa, eficaz e colaborativa em um determinado contexto, como a sala de aula. Normas de comunicação podem incluir o uso de linguagem inclusiva e não discriminatória, respeito às opiniões divergentes, escuta ativa, participação equitativa e tratamento respeitoso de todos os membros do grupo.

**9. Resolução de conflitos:** o processo de lidar com divergências, disputas ou problemas de maneira construtiva e colaborativa, visando alcançar um entendimento mútuo e encontrar soluções satisfatórias para todas as partes envolvidas. Estratégias de resolução de conflitos podem incluir a comunicação não violenta, a mediação, a negociação de interesses, o compromisso e a busca de soluções criativas que atendam às necessidades de todos os envolvidos.

**10. Avaliação formativa:** um processo contínuo e sistemático de coleta de informações sobre o progresso dos alunos, com o objetivo de fornecer feedback oportuno e orientação para melhorar a aprendizagem e o desempenho. A avaliação formativa pode incluir atividades de verificação de aprendizagem, como questionários, discussões em grupo, trabalhos práticos e feedback individualizado, que ajudam os alunos a monitorar seu próprio progresso e identificar áreas para desenvolvimento.

**11. Construção coletiva do conhecimento:** uma abordagem pedagógica que valoriza a participação ativa dos alunos na construção compartilhada do conhecimento, por meio de atividades colaborativas, reflexivas e contextualizadas. Promover a construção coletiva do conhecimento na sala de aula pode envolver o trabalho em equipe, a discussão de ideias, a investigação de problemas do mundo real e a aplicação prática dos conceitos aprendidos em contextos autênticos.

---

---

## REFERÊNCIAS

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, Unesco, realiza sua Primeira Conferência Global para abordar as ameaças à integridade da informação e liberdade de expressão nas plataformas de redes sociais.

O evento de dois dias "Internet for Trust", ou "Por Uma Internet Confiável", acontece na sede da agência, em Paris, a partir desta quarta-feira. São esperados mais de 3 mil representantes de governos, órgãos regulatórios, empresas digitais, universidades e sociedade civil.



Unesco

Sede da Unesco, em Paris

### Brasileiros entre os participantes

Entre os participantes estarão a jornalista vencedora do prêmio Nobel da Paz, Maria Ressa, a jornalista investigativa vencedora do prêmio Pulitzer, Julia Angwin, e a relatora especial da ONU sobre o direito à liberdade de expressão, Irene Khan.

Do Brasil estarão presentes o juiz da Suprema Corte brasileira, Roberto Barroso, o influencer Felipe Neto, a jornalista Patricia Campos Mello, o diplomata Santiago Irazabal Mourão e o chefe da área de Liberdade de Expressão e Segurança de Jornalistas da Unesco, Guilherme Canela.

A conferência é uma resposta a um pedido global de ação do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, para abordar a disseminação da desinformação e a negação de fatos estabelecidos cientificamente, que representam "um risco existencial para a humanidade".

A diretora-geral da Unesco, Audrey Azoulay, disse que esse é um dos desafios "mais complexo e decisivo do nosso tempo". Segundo ela, é preciso estabelecer princípios comuns baseados em direitos humanos, em particular na liberdade de expressão.



Unesco

A diretora-geral da Unesco afirma que chegou a hora de enfrentar uma das questões mais importantes da era atual, que tem implicações para a democracia e para os direitos humanos em todo o mundo.

### Desinformação, discurso de ódio e teorias da conspiração

De acordo com a Unesco, embora tenham revolucionado as comunicações e a difusão do conhecimento, as redes sociais hoje também são responsáveis pela disseminação de desinformação, discurso de ódio e teorias da conspiração.

## ANEXO A - Textos usados durante a intervenção

A agência afirma que muitos países ao redor do mundo criaram leis ou estão atualmente considerando a legislação nacional para abordar a propagação de conteúdo nocivo. Mas parte dessa legislação corre o risco de violar os direitos humanos de suas populações, como o direito à liberdade de expressão e opinião.

Também existem amplas disparidades na distribuição de recursos de moderação entre regiões e idiomas. Para a Unesco, é urgentemente necessária uma abordagem consistente em todo o mundo, fundada nos padrões internacionais de direitos humanos.



Unsplash/Fly:D

Em meados deste ano, a Unesco apresentará uma série de diretrizes globais sobre as redes sociais a governos, entidades reguladoras e empresas digitais.

### **Conjunto de diretrizes comuns**

Como agência da ONU para comunicação e informação, a Unesco lidera uma série de consultas globais para definir diretrizes comuns para resolver esse problema desde setembro.

A conferência será uma oportunidade importante de troca durante o processo consultivo.

As diretrizes serão finalizadas e publicadas em meados de 2023. Elas serão usadas por governos, órgãos regulatórios e judiciais, sociedade civil, mídia e empresas digitais para ajudar a melhorar a confiabilidade das informações online, promovendo a liberdade de expressão e os direitos humanos.

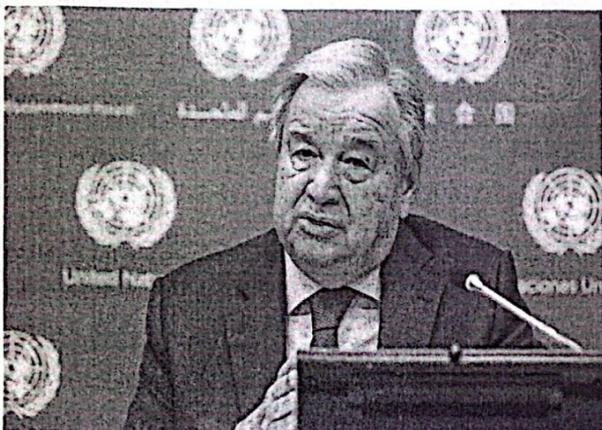
**Guterres alerta para necessidade urgente de barreiras para conter desinformação e discurso de ódio**

12 junho 2023

**O mundo deve enfrentar os "graves danos globais" causados pela proliferação do ódio e das mentiras no espaço digital.**

**O alerta foi feito pelo secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, durante o lançamento do relatório sobre a integridade da informação nas plataformas digitais, nesta segunda-feira (12) em Nova Iorque.**

**O alarme sobre a potencial ameaça colocada pelo rápido desenvolvimento da inteligência artificial não deve obscurecer os danos já causados pelas tecnologias digitais, que permitem a propagação do discurso de ódio, da desinformação e da mentira online, reforçou o chefe da ONU.**



Legenda: Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, conversa com a imprensa após o lançamento do relatório sobre a integridade da informação nas plataformas digitais, nesta segunda-feira (12/06).

Foto: © Mark Garten/Foto da ONU.

As plataformas digitais trouxeram muitos benefícios, apoiando comunidades em tempos de crise, elevando vozes marginalizadas e ajudando a mobilizar movimentos globais para a justiça racial e a igualdade de gênero. Elas ajudam a ONU a engajar pessoas em todo o mundo na busca por paz, dignidade e direitos humanos num planeta saudável.

No entanto, estas mesmas plataformas digitais são mal utilizadas para subverter a ciência e espalhar desinformação e ódio contra bilhões de pessoas, alimentando conflitos, ameaçando a democracia e os direitos humanos e prejudicando a saúde pública e a ação climática.

Esta clara e presente ameaça global exige uma ação internacional coordenada para tornar o espaço digital mais seguro e mais inclusivo, ao mesmo tempo em que proteja vigorosamente os direitos humanos.

### Casos do Vinicius Junior.

O “caso Vinicius Junior” não é só um caso. São vários. O atacante do Real Madrid é vítima de ataques, insultos e diferentes níveis de racismo há anos. Desde quando atuava no Flamengo, ainda no Brasil. São inúmeros episódios que levaram até o estopim, no último domingo, diante do Valencia, quando o brasileiro decidiu não se calar.



Para ajudar na contextualização, o ge traz o histórico de alguns fatos importantes no período. Os casos de discriminação, os ataques da imprensa, as declarações de técnicos e jogadores adversários e as decisões – ou falta delas – das autoridades. Tudo que contribuiu para, depois de 10 denúncias de racismo contra Vini, **um clube ser punido pela primeira vez.**

Vinicius Junior denuncia comportamento racista da torcida do Valencia — Foto: Pablo Morano/Reuters

#### “Neguinho safado” (03/2018)

No Flamengo, Vinicius Junior foi chamado de “neguinho safado” na saída de campo, no estádio Nilton Santos, em um clássico contra o Botafogo. Em agosto de 2017, um torcedor chegou a ser detido após injúria racial contra familiares do jogador, também em uma partida contra o Bota.

#### Barcelona x Real Madrid (10/2021)

Torcedores do Barça gritaram “macaco” para Vinicius Junior no Camp Nou. LaLiga apresentou denúncia à Procuradoria de Ódio de Barcelona. Os autores dos ataques não foram identificados e o caso foi arquivado.

#### Mallorca x Real Madrid (03/2022)

A emissora espanhola Go! flagrou insultos racistas da torcida do Mallorca contra o brasileiro. No trecho divulgado, é possível ouvir algumas pessoas imitando sons de macaco e mandando o brasileiro “pegar bananas”. LaLiga abriu nova denúncia, que foi arquivada, pela Procuradoria de Ódio local.

Emissora espanhola Go! flagra insultos racistas de torcida do Mallorca contra Vini Jr Vinicius Junior em partida contra o Real Madrid — Foto: Reprodução/Go!

#### Técnico do Mallorca pede para bater em Vini (09/2022)

A emissora Movistar+ flagrou o momento em que Vini discute com o técnico Javier Aguirre, do Mallorca. O brasileiro acusou o treinador de ter mandado seus jogadores baterem nele: “Ele disse ‘Bate nele! Bate nele!’... o técnico”, disse o atacante do Real Madrid, a Nacho.

#### Comemorações viram polêmica (09/2022)

As trocas de provocações exibidas após o jogo com o Mallorca geraram debate na imprensa espanhola sobre as danças que Vinicius Junior faz em suas comemorações. A semana era prévia a um clássico com o Atlético de Madrid.

Em entrevista ao canal Movistar+, Koke foi perguntado se entenderia uma reação hostil de sua torcida caso Vini comemorasse um gol com uma dança. Ele respondeu: “Haveria confusão, com certeza. É normal”.

#### Agente usa expressão racista em programa de TV (09/2022)

Em debate sobre as danças de Vinicius Junior, um convidado do programa El Chiringuito usou uma expressão racista para criticar o brasileiro. Pedro Bravo, presidente da Associação Espanhola de Empresários de Jogadores, afirmou: “Aqui o que você tem que fazer é respeitar os companheiros de profissão e deixar de fazer macaquice”.

A declaração provocou forte reação da opinião pública, e Vinicius fez um primeiro manifesto mais forte contra os ataques racistas. Em vídeo, ele disse: “Aceitem, respeitem ou surtem. Eu não vou parar de bailar”

### Atlético de Madrid x Real Madrid (09/2022)

No clássico contra o Atlético de Madrid daquela semana, no Estádio Metropolitano, a torcida do Colchonero chamou Vinicius de macaco. Em um vídeo, é possível ver um torcedor exibindo um macaco de pelúcia.

LaLiga apresentou denúncia, com 24 ocorrências no jogo. O caso foi novamente arquivado pela Procuradoria de Ódio de Madri em dezembro: "Uma vez contextualizados os insultos racistas, não constituiriam um crime contra a dignidade de a pessoa", justificou o MP.

O atacante do Real Madrid reagiu ao arquivamento e disse que "seguiria na luta".



Cantos racistas contra Vinicius Jr. na entrada do estádio Metropolitano

### Capitão do Mallorca diz que Vini usa racismo como coringa (09/2022)

O zagueiro Antonio Rallo, do Mallorca, acusa Vinicius de usar a bandeira do racismo como uma maneira de se proteger:

– Vinicius que dance, mas não falte com respeito, não

insulte e não menospreze os companheiros de profissão. Quando é chamado de provocador, usa o racismo como coringa.

### Valladolid x Real Madrid (12/2022)

Vinicius Junior foi chamado de "negro de merda", "macaco" e ouviu sons de macaco da torcida do Valladolid ao ser substituído. Após a partida, ele foi às redes sociais e fez sua primeira cobrança a LaLiga. Horas depois, o presidente da entidade, Javier Tebas, retrucou o brasileiro e falou para ele "se informar melhor".

LaLiga apresentou denúncia em três frentes: na Comissão Anti-Violência, na Comissão da Competição e diretamente no Tribunal de Valladolid. Vários responsáveis pelos insultos foram identificados e o processo penal foi instaurado. O clube abriu processo interno com 11 identificados e retirou seus ingressos da temporada.

### Real Madrid x Atlético de Madrid (01/2023)

Antes do clássico pela Copa do Rei, a torcida do Atlético de Madrid simulou um enforcamento de Vinicius Junior. Um boneco, com a camisa do brasileiro, foi pendurado pelo pescoço em uma ponte na cidade. Acima, estenderam uma faixa com a frase "Madrid odeia o Real".

LaLiga apresentou uma queixa ao Tribunal de Instrução de Madri. Quase quatro meses depois, apenas depois do episódio no jogo contra o Valencia, quatro pessoas foram presas, acusadas de envolvimento na ação.



Torcedores do Atlético de Madrid ameaçam Vini Jr antes de clássico com Real Madrid — Foto: Reprodução

### Mallorca x Real Madrid (02/2023)

Imagens exibidas pela emissora "DAZN" mostram ao menos um torcedor gritando para o atacante do Real Madrid: "Vinicius, macaco! É um p\*\*\* macaco". O caso foi relatado novamente e o processo foi aberto. Através de um vídeo no TikTok, o autor foi identificado. Ele já havia proferido ataques racistas ao jogador Chukwueze dias antes. Ele perdeu a carteira de

sócio por três anos.

### Comissão especial é criada (02/2023)

LaLiga decide criar uma comissão específica para cuidar dos casos de racismo contra o atacante Vinicius Junior. A ação previu maior fiscalização em todos os jogos do Real Madrid.

### Osasuna x Real Madrid (02/2023)

Insultos racistas foram proferidos contra o brasileiro no estádio El Sadar. LaLiga fez denúncia perante os tribunais de instrução de Pamplona. Os autores ainda não foram identificados.

### Em primeiro lugar, o que é discurso de ódio?

Não existe uma única definição para discurso de ódio, entretanto, todas elas se assemelham. Segundo Samanta Ribeiro Meyer-Pflug, doutora em Direito, o discurso de ódio é a manifestação de **“ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”**. Entretanto, podemos ver que nesta definição são abordados apenas os pontos de discriminação racial, social ou religiosa, sem considerar, por exemplo, gênero, orientação sexual, peso, algum tipo de deficiência, classe, dentre outros.

Já Daniel Sarmento, doutor em Direito Constitucional, afirma que discurso de ódio pode ser caracterizado por **“manifestações de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, motivadas por preconceitos”**.

Sendo assim, com base nessas duas conceituações e no senso comum que existe sobre o termo, podemos chegar a conclusão que discurso de ódio é um conjunto de ações com teor intolerante direcionadas a grupos, na maioria das vezes, minorias sociais (mulheres, LGBTs, gordos(as), pessoas com deficiência, imigrantes, dentre outros).

### O que caracteriza o discurso de ódio?

O discurso de ódio é considerado um tipo de violência verbal, e a sua base é a não-aceitação das diferenças, ou seja, a intolerância.

Entretanto, quando falamos de diferenças, o foco dessa prática se dá, em sua maioria, naquelas ligadas a aspectos de crença, origem, cor/etnia, gênero, identidade, orientação sexual etc.

Não colocaremos aqui exemplos reais de discurso de ódio, mas imaginamos que, ao menos uma vez, você já tenha se deparado com este tipo de situação na internet. Não é raro vermos, por exemplo, comentários xenofóbicos com pessoas do nordeste do Brasil ou, trazendo mais para os dias de hoje, com o povo chinês, os culpando pela pandemia do novo coronavírus e julgando seus hábitos alimentares e de higiene.

Outra situação que você infelizmente já deve ter presenciado é a de ataques à população **LGBT+**. Comentários invalidando a existência de pessoas trans e travestis, por exemplo, ainda são comuns, especialmente na internet. Mais uma vez, não colocaremos aqui exemplos práticos, mas perceba que esta situação ainda se faz presente.

Um exemplo claro de prática motivada por crime de ódio foi o regime nazista, que perdeu durante a Segunda Guerra Mundial e pregava, dentre outras ideologias, o antissemitismo (ódio e preconceito contra os judeus). Este é um exemplo mais duro — por se tratar de um regime totalitário —, mas que nos mostra que este discurso já pôde alcançar proporções inimagináveis, bem como perdas incontáveis.

Nos exemplos que citamos, o discurso de ódio se dá por conta dessas singularidades (origem e identidade de gênero/orientação sexual), como se estas rebaixassem o indivíduo e o tornassem menos ser humano do que alguém que não está em uma dessas “classificações”. Essa hierarquização de seres humanos, levando especialmente em consideração aspectos biológicos, é chamada de eugenia.

### A criminalização dessa prática

Antes de mais nada, ao falar sobre discurso de ódio, se faz necessário falar sobre direitos humanos. Segundo a Organização das Nações Unidas, direitos humanos são **“direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição”**, incluindo **“o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre e muitos outros. Todos merecem estes direitos, sem discriminação”**.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) também deve ser analisada nesse sentido. Em seu artigo II ela traz que **“Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”**.

Perceba que nestas definições os direitos humanos são garantias de todos os indivíduos, independente de suas singularidades, certo? Isso, por sua vez, vai contra o discurso de ódio, que prega o preconceito contra seres humanos que fazem parte de alguma minoria social. Ou seja, o discurso de ódio fere as garantias e direitos fundamentais de todo e qualquer cidadão.

No Brasil, o Artigo 5º da Constituição Federal de 1988 trata dos direitos e deveres individuais e coletivos. Segundo ele, **“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”**.

Ao definir que ninguém será submetido a tratamento desumano ou degradante, bem como que a lei punirá qualquer discriminação que atente aos direitos e liberdades fundamentais, a Constituição defende os direitos humanos e pune quem violá-los, ou seja, quem praticar discurso de ódio.

### Discurso de ódio x liberdade de expressão

Como dito anteriormente, o discurso de ódio se configura como crime e atenta às garantias e direitos fundamentais de todo cidadão. Entretanto, o principal debate que surge ao falarmos dessa prática é a **diferença entre discurso de ódio e liberdade de expressão**. Isso porque, muitos alegam que a liberdade de expressão lhes dá direito de se expressarem da maneira que melhor lhes convém sobre todo e qualquer tema.

O direito à liberdade de expressão é garantido pelo inciso IX do Artigo 5º da Constituição, ou seja, uma **garantia constitucional**. Isso, por sua vez, **não significa que** ela seja uma garantia absoluta, afinal, ela também precisa respeitar outras garantias constitucionais, como o **direito à intimidade**, por exemplo.

Na prática isso significa que você tem a liberdade de expressar suas crenças e opiniões, desde que elas não firam outras leis e garantias. Ou seja, ter falas racistas, homofóbicas e similares, utilizando do argumento de liberdade de expressão, além de ser um ato nada empático e respeitoso, é configurado como crime, por ferir vários direitos fundamentais assegurados em nossa atual Constituição.

### Discurso de ódio na internet

A internet, assim como qualquer outro espaço ou ferramenta, pode ser usada para exponenciar boas e más ações. Por se tratar de um espaço imenso, muitas pessoas acreditam que a internet é "terra sem lei", ou seja, que é permitido agir da maneira que lhes convém, sem lidar com as consequências. Por isso ainda é comum vermos comentários intolerantes nas redes sociais.

Uma pesquisa feita por economistas doutorandos da Universidade de Warwick, na Inglaterra, trouxe dados relevantes sobre a relação entre discurso de ódio e o uso do Facebook. O estudo publicado em 2018 teve como alvo cidades alemãs que se teve registro de ataques violentos a **refugiados** e concluiu que nas cidades em que as pessoas eram mais ativas no Facebook, maior foi o número de ataques. Você pode saber mais sobre a pesquisa **aqui**.

Ainda não existe uma lei específica que trate sobre discurso de ódio na rede mundial de computadores, entretanto, o **Marco Civil da Internet** (Lei nº 12.965/2014) é a principal fonte a ser utilizada nesta questão. Segundo ele,

*"A disciplina do uso da internet no Brasil tem como fundamento o respeito à liberdade de expressão, bem como:*

*[...]*

*II – os direitos humanos, o desenvolvimento da personalidade e o exercício da cidadania em meios digitais;*

*III – a pluralidade e a diversidade;"*

Além disso, as próprias redes sociais contam com mecanismos reguladores de conteúdos sensíveis, que devem ser acionados pelos usuários quando os mesmos se depararem com alguma publicação de teor intolerante e desrespeitoso. Dessa maneira, por mais que não exista uma lei específica, não quer dizer que uma pessoa que cometa crime de ódio na internet possa sair impune.

### Como podemos combater o discurso de ódio?

Como comentado anteriormente, existe a necessidade de uma lei específica que tipifique o crime de discurso de ódio e as penas cabíveis para tal. Além disso, as redes sociais, jogos on-line, fóruns e a internet como um todo também precisa estar atuante no combate a esse crime. Para isso, não deixe de denunciar postagens e perfis com esse tipo de discurso.

Entretanto, ainda existe muito a ser feito no sentido de conscientização. Isso porque muitas pessoas nem sequer sabem o que é o discurso de ódio, o que pode fazer com que essa prática seja reproduzida sem ao menos saber o quão grave ela é de fato.

Por isso, ações de conscientização se fazem fundamentais. Desde palestras e dinâmicas em escolas e ambientes de trabalho, como a difusão deste tipo de conteúdo na internet. Agora que você já sabe o que é o discurso de ódio e como pode ajudar a combatê-lo, que tal fazer sua parte?

[https://www.politize.com.br/discurso-de-odio-o-que-e/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjw-eKpBhAbEiwAqFL0mqje0cLM3Wln5eq6qo5\\_NGhy6P1KjKbsNXxsfH\\_tapppvJs\\_sGmJRoCyFgQAvD\\_BwE](https://www.politize.com.br/discurso-de-odio-o-que-e/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjw-eKpBhAbEiwAqFL0mqje0cLM3Wln5eq6qo5_NGhy6P1KjKbsNXxsfH_tapppvJs_sGmJRoCyFgQAvD_BwE) Acessado em 25/10/2023

D S T Q Q S S

18 • 10 • 23

Português

O que é ancestralidade?

O conceito de ancestralidade pode ser amplamente categorizado em duas etapas: biológica e cultural. A ancestralidade biológica pertence à linhagem genética de um indivíduo, enquanto a ancestralidade cultural abrange costumes, crenças e tradições. Esses indivíduos.

Esses dois aspectos geralmente estão intimamente interligados, pois as práticas e crenças culturais podem ser transmitidas de uma geração para outra, como traços genéticos.

Ancestralidade Biológica

A ancestralidade biológica refere-se à linhagem e raízes familiares de um indivíduo com base na herança genética de seus pais e ancestrais. Pode afetar vários aspectos da vida, como aparência física, saúde e temperamento.

Para muitos indivíduos, o aspecto biológico de sua identidade é um componente significativo que pode evocar emoções de orgulho e pertencimento. Alguns indivíduos estão profundamente apegados à sua linhagem biológica e podem encontrar desafios em sua busca para descobrir os costumes e a história da família. Outros podem achar difícil se conectar com suas raízes, mas ainda mantêm um curioso fascínio para descobrir mais sobre suas origens.

Para determinar a ancestralidade biológica, existem vários métodos disponíveis. Uma das abordagens mais

usadas é a genealogia, que envolve pesquisar e rastrear a linhagem familiar através das gerações. A genealogia pode ser realizada de forma independente, utilizando livros, documentos e recursos on-line ou contratando um genealogista profissional. Outra forma de determinar a ancestralidade biológica é por meio do teste de DNA, que exige a análise dos genes de um indivíduo para estabelecer sua herança genética.

Explorar a ancestralidade biológica de alguém pode ser uma questão complicada e delicada, particularmente em sociedades que carregam feridas profundas do colonialismo, escravidão e outros regimes opressores. Fatores históricos, como ancestralidades biológicas obscurecidas ou negadas, podem tornar difícil para os indivíduos sentirem uma conexão com suas raízes.

### Ancestralidade Cultural

A ancestralidade cultural abrange os costumes, crenças e tradições de uma pessoa transmitidos por seus predecessores. É parte integrante de sua cultura e identidade, abrangendo uma ampla gama de práticas e valores. Exemplos de ancestralidade cultural incluem linguagem, culinária, rituais, artesanato e muito mais.

A importância da cultura na formação da identidade de uma pessoa não pode ser exagerada, pois muitas vezes gera orgulho e um sentimento de pertencimento nos indivíduos.

Embora alguns indivíduos se sintam profundamente conectados à sua herança ancestral e trabalhem diligentemente para preservar

D S T Q Q S S

suas tradições para gerações futuras, outros podem lutar para se conectar com raízes, mas ainda mantêm um senso de intriga e curiosidade sobre sua ancestralidade cultural.

A cultura ancestral pode ser transmitida de várias maneiras, incluindo educação, participação em eventos e celebrações culturais e contato com familiares mais velhos e membros da comunidade. Algumas pessoas têm uma ancestralidade cultural mais fluida e diversificada, dependendo da história familiar e das experiências de vida.

Também pode ser um tema complexo e controverso, especialmente em sociedades caracterizadas pela colonização, escravidão e outras formas de opressão. Muitas vezes você tem dificuldade em se conectar com suas raízes culturais, que foram negadas.

### Importância

Os ancestrais são uma fonte de orgulho e conexão para muitos e podem ser uma fonte de inspiração em tempos de dificuldade ou incerteza. Algumas pessoas sentem uma forte conexão com suas raízes e tradições ancestrais e podem trabalhar duro para preservar essas tradições e transmiti-las às gerações futuras.

01 • 11 • 23

D S T Q Q S S

Mallorca x Real Madrid

02/2023

Durante uma partida contra o Real Madrid, um torcedor proferiu insultos racistas contra o jogador Vinícius Júnior. O caso foi relatado e o autor foi identificado através de um vídeo no TikTok. Ele já havia proferido ataques racistas anteriormente.

Comissão especial criada

02/2023

Do liga decidiu criar uma comissão específica para lidar com casos de racismo contra jogadores juniores, visando uma maior fiscalização em todos os jogos do Real Madrid.

OSASUNA x REAL-MADRID / 02/2023

INSULTOS RACISTAS FORAM DIRIGIDOS AO VINÍCIUS JÚNIOR NO ESTÁDIO EL SADAR DURANTE UM JOGO CONTRA O OSASUNA. A LIGA DENUNCIOU O INCIDENTE, MAS OS AUTORES NÃO FORAM IDENTIFICADOS.

as pessoas acham que elas tem o direito de "Humilhar" alguém pela cor de sua pele.

No caso do Vinícios Junior podemos ver com muita clareza como o preconceito ainda é algo que acontece com frequência, mesmo sendo CRIME.

Por que desejar a morte de uma pessoa só pela cor da pele dela?! isso não é Humano.

independente da cor, da raça, gênero ou crença, somos todos iguais.

Pessoas que cometem o racismo devem ser punidas pois elas são criminosas.

Precisamos que as pessoas entendam que no final das contas somos todos iguais.

## Resumo

### Real Madrid X Atlético de Madrid

Antes de um clássico pela Copa do Rei, a Torcida do Atlético de Madrid ~~se~~ ~~simulava~~ um enfarcamento de Vinícius Júnior, perdurando um ataque com no Conselho. Logo apresentaram uma queixa ao Tribunal de ~~Instância~~ ~~de~~ ~~Madrid~~ ~~de~~ ~~Madrid~~, e quatro pessoas foram posteriormente presas por ~~seu~~ ~~envolvimento~~ ~~na~~ ~~ação~~.

### Trabalho de português

O texto diz sobre acontecimentos da internet que opõe as solidades. A internet tem seu lado bom e ruim, bom porque pessoas conseguem trabalhar pela internet, pessoas conseguem dinheiro trabalhando na internet, viagens, adições ou adotar até mesmo ideais que querem estudar mais não tem com sua predominantemente estudam online, e também conseguimos aprender mais sobre a realidade diferente do resto. Isso nos ajuda a olhar outras pessoas com mais empatia, compreendendo que nem todos possuem as mesmas oportunidades e privilégios que muitas pessoas.

é o texto também diz sobre o lado ruim da internet que é: vírus, golpes, roubo de dados, racismo, homofobia, bullying virtual. Outra questão de racismo e homofobia tem pessoas que praticam isso, mas também tem pessoas que ajudam e explicam o que são as coisas, são apenas alguns dos riscos da internet. E, embora a maioria deles possa atingir qualquer indivíduo online.

isso tudo pode ser útil as pessoas praticando muita atenção a tudo que é na internet, não ficar respondendo pessoas ou números que não nos conhecem, não ficar martelando seus dedos, umil para qualquer pessoa, entre outras.

## Trabalho de português

Atlético de real madrid X real madrid - 09/2022! Durante o jogo entre Atlético de real madrid e real madrid yiniciis junior foi algo de racismo, incluindo um Torcedor Uchibi-ndo um malote de plúvia. A laliga anunciou 34 observações no jogo, mas o caso foi arquivado pela procuradoria de odio de madrid. Yiniciis reagiu ao arquivamento prometendo continuar na luta contra o racismo.

Capitão do Mallorca acusa yiniciis - 09/2022! O jogador Antonio Rallo, do Mallorca, acusou yiniciis de usar o racismo como uma maneira de se proteger e proteger seus adversários. Ele alegou que yiniciis deveria jogar em campo, mas não faltar com respeito nem insultar seus colegas de profissão.

Valladolid X real madrid - 12/2022! Em uma partida contra o Valladolid, yiniciis junior foi alvo de insultos racistas, incluindo um chamado de "torcedor racista". A laliga apresentou denúncias em várias frentes e identificou responsáveis pelos insultos. O clube abriu um processo interno e retirou ingressos de temporada de 11 pessoas indetificadas.

Português

Unesco

A Unesco está fazendo diretrizes globais para que a internet seja mais confiável, de acordo com um relatório. A nova diretriz, chamada "Por uma mídia internacionalmente reconhecida e de longo prazo", começará a ser implementada em 2017.

O piloto será lançado em 2016 e entrará em vigor em 2020.

O objetivo, de acordo com a Unesco, será "melhorar os padrões globais para a confiabilidade da internet".

O relatório prevê dois pilares para isso: um é desenvolver padrões na arquitetura global da internet e o outro é melhorar a segurança das informações.

No momento, a confiabilidade da internet não pode ser afirmada como um padrão universalmente aceito porque as tecnologias de mídia social, como por exemplo, Twitter e Facebook, não são abertas e transparentes.

A Unesco recomenda que essa falta de transparência seja resolvida através dos padrões mundiais.

Elio Felix 80

D S T Q Q S S

O que eu entendi sobre o Texto é que as pessoas usam a internet para espalhar desinformações, mentiras e discursos de ódio contra as pessoas e com isso causam conflitos, prejudicando a saúde pública.

É que por causa do discurso de ódio e as mentiras na internet estão começando a ficar mais frequente; o Gutierrez alertou a necessidade de barreiras para conter a desinformação e o discurso de ódio.

É que precisam fazer algo para tornar o espaço digital mais seguro e mais inclusivo.

É que algumas empresas de tecnologia fizeram muito pouco e tarde para impedir que suas plataformas contribuíssem para a propagação da desinformação e do ódio. Por outro lado o governo

O texto fala sobre o "abito" para messidade urgente de barreiras para conter desinformação e discurso de ódio. Eu entendi que: tem um alarme sobre a potencial ameaça colocada pelo rápido desenvolvimento da inteligência artificial, que permite a propagação do discurso de ódio, da desinformação e da mentira online. Que as mesmas plataformas digitais que trouxeram muitos benefícios de varias formas também as mesmas são mal utilizadas para espalhar desinformação e ódio contra bilhões de pessoas, tendo muitos conflitos de diversas formas. Que algumas empresas de tecnologia fizeram muito pouco e demorados tarde para impedir que suas plataformas contribuíssem para o ódio e a violência, mas também, governos recorreram por vezes a medidas drásticas, como cortes e proibições gerais da internet, que não tem que quebra leis jurídicas e violam os direitos humanos.

Algumas das propostas, a serem desmedidas num código de Conduta:

- Empresas de tecnologia devem de apostar de medidas de negocio que priorizam o empacamento em detrimento de direitos humanos, privacidade e segurança
- Plataformas digitais devem garantir uma transparência significativa e permitir a pesquisadores e academicos o acesso dos dados, respeitando a privacidade dos usuarios.

## Racismo

Nos últimos <sup>dias</sup> meses de futebol Brasileiro, junto de algumas míseras de televisão e pessoas famosas adotaram uma campanha importante "sem racismo não tem jogo". A campanha é uma forma de apoiar o jogador de seleção brasileira de futebol Vinícius Júnior. Um ponto importante a discutir, no entanto, é que, apesar de apoiar o Viní Jr. por grande parte da sociedade brasileira, o racismo não é algo exclusivo do Espanho, tanto não é, que no Brasil, racismo é um crime. O "caso Vinícius Júnior" não é só um caso. São vários. O atacante do Real Madrid é vítima de ataques, insultos e difamatórias racistas há anos. Desde quando chegou ao Flamengo, ainda no Brasil. São inúmeros episódios que chegaram até o estopim, no último domingo, diante do Valencia, quando o brasileiro decidiu não se calar.

Para ajudar na contextualização, o gl traz o histórico de alguns fatos importantes, no Brasil.

(03/2018) Mequinha safado

No Flamengo, Vinícius Júnior foi chamado de "mequinha safado" no rádio de São Paulo, no estádio Milton Santos, em um clássico contra o Botafogo. Não podemos ~~deixar de lado~~ esquecer de dar visibilidade a casos como o do motelista Altamir do Monte Martins, que no início deste ano, enquanto trabalhava como auxiliar de limpeza e professor palestras de cunho racista contra ele. Ou então, ele entrou preso que, ao entrar em um condomínio de luxo em relações para fazer o entrega, de um homem branco que ali morava que ele invadir os casas e seu cor de pele (branco). Ou ainda, caso que aconteceu este semana, em que duas influenciadoras "presentearam" crianças pretas com bonês e macacões de pelúcia, o que foi apontado como racismo reverso pelos internautas e pelo especialista em Direito criminal Dr. Eayde Belo.

# Racismo

A luta contra o racismo não é responsabilidade apenas das vítimas, mas sim de toda sociedade. É importante que todas se baseiem contra o racismo. É importante que todas denunciem atos discriminatórios e apoiem iniciativas que promovam a igualdade racial. O caso de racismo envolvendo Vinício Júnior durante o clássico entre Barcelona e Real Madrid é mais um triste exemplo da persistência desse problema no futebol. É inaceitável que jogadores sejam alvo de xingamento racista e ofensas baseadas em sua cor de pele. É importante combater o racismo e promover a igualdade e o respeito entre todas as pessoas.

Português Unesco

1/11/23

Aque a Unesco está fazendo são diretrizes globais para que a internet seja um local mais confiável de acordo com um espaço relatorio. As novas diretrizes chamadas "Por um nível intencionalmente reconhecido e de longo prazo", começaram a serem implantadas em 2017.

O piloto seria lançado em 2018 e entraria para vigor em 2020.

O objetivo de acordo com a Unesco, seria melhorar alguns padrões globais a confiabilidade da internet

Os relatorios preveem dois pilares a função de "um deles é desenvolver padrões na arquitetura global da internet" e o outro é melhorar a segurança das informações.

No momento a confiabilidade da internet não pode se afirmar um padrão universalmente porque as tecnologias das mídias sociais, como Twitter e Facebook, não são abertas e transparentes.

D S T Q Q S S

# RACISMO

Racismo é a discriminação ou preconceito ou tratamento desigual baseado na Raça ou etnia de uma pessoa é uma forma de abuso que cria barreiras e oportunidades com base no cor da pele ou origem étnica o Racismo contra negros e indígenas foi um exemplo triste de como o preconceito racial ainda persiste no esporte e na sociedade em geral

D S T Q Q S S

01 • 11 • 23

## Legião Raduquin das Santas 8ºD

Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, fala sobre os benefícios e as malefícios das plataformas digitais.

As plataformas digitais geraram esperança às pessoas em tempos de crise e luta, amplificaram vozes que antes não eram ouvidas, e deram vida a movimentos globais. No entanto, essas mesmas plataformas também espalharam um lado mais sombrio das plataformas digitais. Elas permitiram a rápida <sup>diminuição</sup> ~~disseminação~~ de mentiras e de discurso de ódio, causando danos <sup>reais</sup> ~~reais~~ em escala global!

O informe de política apresenta conclusões e propostas para proteger as direitos fundamentais de acesso à informação e liberdade de expressão, e defendê-las das crescentes ameaças representadas pelo aumento/proliferação de mentiras, desinformação e discurso de ódio nas plataformas digitais.

Como podemos evitar tudo isso:

- Refutar/replicar alegações de desinformação antes que elas se fortaleçam/consolidem.
- Uma abordagem de "contos-alegacões", na qual se tenta corrigir percepções errôneas (que não coincidem com a realidade) depois de estabelecidas.
- Cabelar-se no lugar das outras pessoas é pensar duas vezes antes de expressar um julgamento ou opinião nas redes sociais e pergunte e responda (a) se isso pode prejudicar, afundar ou agredir alguém.
- Cipe com responsabilidade nas redes sociais.
- Denuncie: Quando encontrar uma mensagem que provoque ódio ou discriminação, etc.

# PORTUGUÊS

## RACISMO

Ultimamente, Vinícius Jr vem sofrendo muito racismo tanto em campo, quanto nas redes sociais. Gritos de "macaco" foram dirigidos a ele, e sons do mesmo animal foram reproduzidos nas arquibancadas do Estádio Benito Villamarín.

Vinícius sofreu racismo desde a chegada do ônibus no estádio, e durante os jogos os mesmos insultos continuaram. No segundo tempo, o Brasileiro apontou dois torcedores que estavam reproduzindo sons do animal e cometendo racismo contra ele. O jogo foi paralisado por minutos e foi retomado. Criticada pelo excesso de passividade, as autoridades espanholas entraram em ação na terça, dois dias após o ocorrido, para lutar contra o racismo no futebol.

## Vinicius junior (Vini Jr)

Vinicius Jose Paiva de Oliveira Junior erro e o nome dele com pleto, nascido em São Gonçalo em 12 de julho de 2000 em agosto de 2019, Vinicius passou na penura do Flamengo e foi jogar futebol de campo, em 2018 Vinicius deixou o Fla com 14 gols e saiu do Fla com uma Taça Guanabara, saiu do Fla e foi para o Real Madrid e no Real Madrid marcou 63 gols e ganhando nove títulos e um derrei a Taça Ronaldo da Champions League, no ano passado Vinicius em julho do ano passado, o Instituto Vini Jr, é uma entidade sem fins lucrativos que tem como meta a construção de novos modelos de aprendizagem, em 2023 neste ano ele recebeu o trofeu (premio) vocater da "Liga de Ouro" da France Football e o premio e uma homenagem ao ex jogador da seleção de Brasil que era um craque dentro de campo e um das atletas mais engajadas politicamente e socialmente

### ataques vociter

o primeiro ataque foi em (03/2018) quando ainda jogava pelo Fla chamado de nequinho safado, o segundo ataque foi em (10/2021) quando ja jogava pelo Real Madrid os outros time criticaram o nome dele dizendo macaco, o terceiro caso foi em (03/2022) jogando pelo Real Madrid e em um momento mostrava o gol flagrou insultos

narrar da torcida do Mallorca contra o brasileiro,  
 a quarta vez com o técnico mallorquês pede para  
 bater em vini, o brasileiro acabou o tempo dele  
 ter mandado seus jogadores ~~to~~ baterem nele.

### 3 que eu acho sobre tudo isso

Vinicius junior ele sim é um dos melhores jogadores  
 do mundo e quando as pessoas de hoje em dia não conse-  
 quem ver as pessoas de pele escura ~~de~~ pelo aquilo que  
 agente estudou as pessoas ainda tem que as pessoas de pele  
 escura ainda tem que ser escravas e tem não são  
 as pessoas de pele branca tem não também tem pe-  
 soas de pele escura tem não tá pronta pra ~~o~~ ver  
 a pessoa de pele preta ~~que tá~~ ~~no~~ no topo  
 vivo ~~que~~ diz nacional (mano Kraun).

Vinicius junior hoje ele é um dos melhores jogadores  
 do mundo as pessoas de hoje não conseguem ver as perso-  
 as de pele escura por ~~verem~~ ~~algum~~ antigamente  
 por serem escravas, mas também não são as pessoas  
 de pele branca, mas também as pessoas de pele escura  
 por que as vezes nem o próprio preto não tá pronto pra  
 ver o preto no topo, e para combater o racismo  
 eu acho que tem que ser punições mais severas  
 em relação as regras e as punições tem que  
 aumentar o quanto antes.

**ANEXO B** - Letra da música “A Carne” de Elza Soares utilizada durante a intervenção

A carne mais barata do mercado  
 É a carne negra  
 (Tá ligado que não é fácil, né, mano?)  
 Se liga aí  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 (Só-só cego não vê)  
 Que vai de graça pro presídio  
 E para debaixo do plástico  
 E vai de graça pro subemprego  
 E pros hospitais psiquiátricos  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 (Dizem por aí)  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 Que fez e faz história  
 Segurando esse país no braço, meu irmão  
 O cabra que não se sente revoltado  
 Porque o revólver já está engatilhado  
 E o vingador eleito  
 Mas muito bem intencionado  
 E esse país vai deixando todo mundo preto  
 E o cabelo esticado  
 Mas mesmo assim ainda guarda o direito  
 De algum antepassado da cor  
 Brigar sutilmente por respeito  
 Brigar bravamente por respeito  
 Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)  
 De algum antepassado da cor  
 Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar  
 Se liga aí  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 (Na cara dura, só cego que não vê)  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 (Na cara dura, só cego que não vê)  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 (Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)  
 Negra, negra  
 Carne negra  
 É mano, pode acreditar  
 A carne negra